

AÍDEIA NACIONAL

REVISTA MONARCHICA SEMANAL ILLUSTRADA ·
POLITICA · ARTE · LITTERATURA · MODAS ·
ELEGANCIAS · SPORT · ESCRITORIOS · PRAÇA
LUIZ DE CAMÓES, 46 · LISBOA · · · · ·

JOÃO DO AMARAL
REDACTOR EM CHEFE

HOMEM CHRISTO FILHO

DIRECTOR

DOMINGOS CARVALHO MEGRE

GERENTE

PROPRIEDADE DE HOMEM CHRISTO FILHO E DOMIN-
GOS MEGRE · EDITOR · ANTONIO COSTA · COM-
POSTO E IMPRESSO · GRUPO LINOTYPISTA · RUA
DO POÇO DOS NEGROS, 81 · · · · ·

JOSÉ PACHECO
REDACTOR ARTISTICO



(Desenho de Alice Rey Colaço)

QUINTA-FEIRA DA ESPIGA



Aos monarchicos

Tem-se referido constantemente a imprensa diaria ás difficuldade com que lucta, devido á espantosa carestia do papel que attingiu proporções inverosímeis. Eguas difficuldades assoberbam esta Revista, ou maiores, visto que o papel de luxo que empregamos subiu ainda mais de preço do que o vulgar papel de impressão, succedendo o mesmo com a gravura, as tintas de impressão e outros artigos indispensaveis á confecção d'uma Revista como a nossa.

O papel que a administração d'A Ideia Nacional comprou para os seus primeiros numeros foi-nos vendido ao preço de 2.800 réis a resma, preço já muito mais elevado do que o normal. A mesma qualidade de papel custou-nos depois, successivamente, 3.200 réis, 3.500, 3.800, 4.300, 4.500, 5.000 réis, 5.280 e finalmente 5.500 réis a resma, não se podendo esperar que fique por aqui esta assustadora allia.

A gravura que se pagava a 10 e 12 réis o centimetro quadrado, estamol-a pagando actualmente a 16 e 20 réis e o mesmo acontece com as tintas e material de impressão.

N'estas condições nenhuma publicação no genero da nossa, com enormes despesas de collaboração e encargos de toda a ordem, pode resistir.

Vêmo-nos, pois, obrigados, muito a nosso pesar e por ser uma necessidade imprescindivel, a seguir o exemplo dos nossos collegas da imprensa diaria, elevando o preço de venda d'A Ideia Nacional a 100 réis e o preço da assignatura a 5.200 réis annuaes, ou sejam 2.600 por semestre e 1.300 por trimestre.

Além d'isso e ao contrario do que até aqui faziamos, facilitamos o pagamento por trimestres áquelles dos nossos assignantes que assim o desejarem, embora isso nos cause grande perda pela despeza que representa a cobrança feita trimestralmente. Continuaremos, pois, a cobrar por semestres ou por anno, como até aqui, a importância da assignatura, recebendo todavia trimestralmente d'aquellas pessoas que expressamente nos manifestarem esse desejo.

Relativamente aos assignantes que já pagaram um semestre, pedir-lhes-hemos que, em attenção ás circumstancias imperiosas que nos levam a tomar esta resolução e dando assim uma prova de solidariedade monarchica, considerem a sua assignatura paga apenas por tres mezes, ou seja por 13 numeros, a partir do dia em que começaram a receber.

Esperamos que o publico monarchico comprehenda os fortes motivos que nos levam a esta resolução e continue a dispensar-nos o seu apoio, como até hoje, para que possamos levar a cabo a obra que empreendemos por amor da Patria e por amor de El-Rei.

A Direcção

Casos da semana

CAPELLÃES MILITARES

O orgão dos democraticos radicaes combate a incorporação de capellães nos contingentes que vão partir para a guerra, com aquella logica de insulto e marujice que lhe deu um logar principal entre os seus collegas da imprensa republicana.

E porque não quer elle a assistencia dos capellães?

O unico motivo aceitavel, n'este momento em que os interesses do paiz a tudo sobrelevam, seria o facto de semelhante concessão prejudicar a defeza nacional. Mas nem o Mundo allega esse motivo, nem elle poderia ser tomado a sério: «c'est dans ses convictions mèmes, si diverses qu'elle puissent être que chacun puise la raison de patience, d'energie, d'activité...» Estas palavras do socialista Bracke, escriptas na Humanité e já por nós citadas na Ideia Nacional, contem uma verdade axiomática que a energetica d'um Oswaldo, a psychologia d'um Stuart Mill ou d'um Le Bon fartamente documentam e aproveitam. Ora sendo nas suas proprias convicções, por oppositas que sejam, que cada qual procura as condições de energia, de paciencia e actividade, necessarias para lutar e vencer, claro está que o facto de se assegurar aos soldados portuguezes, catholicos na sua maioria, a assistencia religiosa dos capellães, não pôde senão ser util á defeza nacional visto que é no seu credo religioso e nas certezas, nas convicções espirituas que ella lhes dá, que esses homens encontrarão aquellas razões de energia, de actividade e paciencia a que Bracke se referiu.

E n'este caso, se a assistencia religiosa apenas poderá fornecer ao paiz os melhores elementos de victoria, porque motivo se insurge o Mundo contra ella? Por motivos d'aquella pura logica democratica que induz os servidores do regimen republicano a trahirem sempre, mais ou menos conscientemente, os sagrados interesses da Nação, desde que esses interesses guerreiem a immácula virgindade dos principios ou comprometam a defeza da republica. Já o outro dizia: «percam-se as colonias mas salvem-se os principios!» Plus ça change, plus c'est la même chose...

EM MAFRA

Nem toda a imprensa republicana, de resto, defende a causa do Mundo. A Capital, menos coherente talvez com os principios republicanos, mas mais honesta e intelligentemente rendida ao testemunho impessoal dos factos, preconiza a excellencia dos bons exemplos que a França nos dá sobre este assumpto. É faz notar como nos ultimos dias se tem pejado de soldados os templos de Lisboa.

Um amigo nosso, pianista, mobilizado em Maíra, lembrou-se ha dias de entrar na igreja do mosteiro. Subiu ao côro e sentou-se em face do orgão. Os seus dedos propensos a tactear mysterios da belleza no manejo da escopeta, corretem a escala musica dos sons. A hora crepuscular era propicia e bella para o devoto convivio do au-del e o nosso amigo achou bom recordar trechos dos sacros, balbuciar as orações dos mestres musicaes, n'um momento em que elle mesmo sentia a cruciante incerteza do futuro e murmurava talvez aquellos divinos versos de Camões:

As altas torres que fundei no vento levou, enfim, o vento que as sustinha...

Reboaram sob a nave, que encontrára vazia, as nótulas do orgão, ora supplices ora esperançosas. Esteve ali uma hora. Ao cabo, tendo olhado a igreja, viu-a cheia de soldados que oravam, n'alguns dos quaes bastára talvez a esthesia de sensibilidade, provocada pela noção religiosa da musica, para que se reerguesse todo o monumento d'uma fé quasi extinta.

Para o governo ler

O HESPAÑHOL SEM MESTRE...

Sr. presidente do ministerio: Afinal V. Ex.^a não fez caso nenhum do que n'este local e sob este titulo lhe dissemos. Talvez visse n'este assumpto uma d'aquellas coisas minimas de que os pretores, já na Roma antiga, não usavam cuidar. Ahí está onde V. Ex.^a se engana, decerto por que nunca foi ao animatographo em companhia de um estrangeiro. Pois experimente V. Ex.^a fazel-o de braço dado com um francez, ou mesmo com uma franceza se achar preferivel: francez ou franceza, inglez ou ingleza, qualquer cidadão d'um d'esses grandes paizes onde ha orgulho e brio nacional lhe perguntará porque motivo, n'uma cidade-capital como Lisboa, são escriptos em hespanhol os disticos dos films. E V. Ex.^a ver-se-ha embaraçado na explicação; a não ser que lhes affirme não termos nós uma lingua nacional, ou desejarmos prepararmos, para mais tarde ou mais cedo, ingressar na União Iberica de que o partido republicano foi, em tempos idos, um audaz propagandista. Explicações estas de que o estrangeiro se apressará, mui cortezmente, a duvidar e que, em qualquer caso, deixariam V. Ex.^a muito mal collocado.

Repetimos: Urge impôr aos empresarios do cinematographo a obrigação de traduzirem para a nossa lingua os titulos e disticos dos films. Se esses senhores demonstrarem que o negocio não dá margem a semelhante despeza, V. Ex.^a poderá informal-os de que os redactores d'A Ideia Nacional se compromettem a fazel-o gratuitamente.

Valeu?

Pois então até breve, sr. presidente do ministerio...

Scenas da guerra

OS ACASOS DA GUERRA

Durante a guerra dos Triuta Annos, na batalha de Trautenau, os austriacos perderam 14% das suas tropas; os prussianos sómente 4%. Os austriacos permaneceram, entretanto, senhores do campo de batalha,

emquanto os seus adversarios batiam em retirada.

Quando, em Waterloo, a batalha parecia perdida para Wellington, o general inglez ordenou aos chefes que lhe perguntavam que deviam fazer: «Que toda a gente morra no seu posto». O general Joffre, em setembro de 1914, no decurso da batalha do Marne, ordenava aos seus soldados que morressem, mas não recuassem, e isso determinou a victoria. As tropas mostram diversamente que ellas podem soffrer perdas importantes, primeiramente, e depois reagir.

Em 1870-1871, no primeiro periodo da guerra, os exercitos francezes sustentaram a lucta, supportando perdas (eguaes ás dos allemães) de 9 1/2 por cento; durante o segundo periodo, quando todas as forças estavam concentradas, as perdas não ultrapassaram tres por cento.

O imprevisto na guerra tem influencias diversas. Em Austerlitz e em Waterloo, Napoleão retardava de cinco horas o momento que havia fixado para encetar a lucta. Ora, esse mesmo atrazo de cinco horas determinava a victoria de Austerlitz, ao passo que causava a derrota de Waterloo.

Por isso, em Santa Helena, o imperador dizia:

«Em Waterloo, eu devia vencer, não uma, porém, cem vezes. Infelizmente, uma chuva copiosa molhára de tal modo o terreno que me foi impossivel atacar o inimigo ao despontar do dia. Se eu tivesse podido fazer isso, o exercito de Wellington teria sido cercado nos obstaculos da floresta, antes da chegada dos prussianos».

Outros ensinamentos serão certamente fornecidos aos historiadores da Grande Guerra que ensanguenta actualmente a Europa.

OS MONTENEGRINOS E O SEU REI

O rei do Montenegro é, hoje, com a sua familia, hospede da França. Conta 76 annos de idade e foi um dos mais brilhantes discipulos do Lyceu «Louis le Grand», em Paris. Em 1860, Napoleão III prestou a sua protecção ao joven príncipe, que soube conquistar a confiança do seu povo.

Inimigo de todo o fausto e de todo o protocolo, o rei montenegrino aprazia-se em mesclar-se ao povo, e o poço da grande praça de Cettigne tem a sua historia, do mesmo modo que o carvalho de S. Luiz em Vincennes.

O velho soberano é um delicado homem de letras. Na «Virgem dos Balkans», exaltou as virtudes, a coragem, a belleza das mulheres do seu paiz. Sua filha, a princeza Helena, tornou-se a graciosa rainha da Italia. O Montenegro é um paiz de bravos. Os soldados do rei Nicolau I bem o provaram. Citemos, aliás, este curioso artigo do velho codigo montenegrino:

«Se houver um covarde, ser-lhe-hão retiradas as armas; ao mesmo tempo, ser-lhe-ha atado em volta do corpo um avental de mulher, para bem indicar que um coração de homem não bate no seu peito».

Os montenegrinos são admiraveis soldados, o que permittia ao seu soberano dizer-lhes no momento da guerra pela independencia:

«Não tenho necessidade de vos pedir que sejaes bravos, pois mamastes o heroismo desde o berço».



QUEM SÃO OS TRAIDORES?

POR

HOMEM CHRISTO FILHO



Está sendo muito discutida na imprensa a questão dos capellães militares que o bom povo catholico de Portugal reclama para acompanharem os seus filhos ao campo de batalha e lhes darem, na hora da morte, a absolvição divina.

Depois do sr. ministro da guerra ter feito no parlamento declarações que só mostram o seu sectarismo e a sua má-vontade, apparecem os jornaes demagogicos com protestos da casa e das chafaricas do livre pensamento, escarnecendo das nossas crenças religiosas e envenenando canalmente as nossas intenções.

Recortamos, ao acaso, do *Mundo*, os seguintes periodos :

«Temos a proposito do pedido da incorporação de sacerdotes nas expedições militares, recebido muitos protestos de todos os pontos do paiz. Dizem-nos os protestantes que tal resolução representaria a criação de um privilegio que revoltaria a livre consciencia do paiz, além de ir contrariar, rasgando-a, a lei de Separação. Julgam incompreensivel o deferimento a tal pedido, que no fundo nada tem de catholico nem de christão, pois o que se pretende simplesmente é desprestigiá-las leis do paiz e irritar a opinião liberal e democratica, que positivamente constitue a grande maioria da nação.

Pela nossa parte, e já aqui o frisámos, estamos absolutamente de acordo com os que protestam. Um d'elles, na carta que nos escreve, lembra que é de coisas religiosas que menos cuidam os organizadores da petição : «aproveitam-se da união sagrada para molhar a sopa e mais nada...» Assim remata um dos nossos correspondentes, invocando o que em tempos aqui disemos sobre planos e projectos... A petição alludida, segundo informações que temos por seguras, tem sido assignada por individuos cujos nomes não existem... Mas isso é lá com os responsaveis e não é connosco. A questão é que o pedido, tal qual é feito, não pode ser deferido. Não deve nem poder.

No dia 22 do mez passado, em artigo de fundo intitulado *A Reacção e a guerra*, o orgão do sr. Affonso Costa continuava :

«Martelando nos seus propositos, sem outra mira que não seja entrar a acção republicana, essencialmente patriótica e social, os reaccionarios de diversas especies batem em latas velhas, julgando fazer um ensurdecador barulho. Ninguém repara na sanfona, mas elles insistem. Proseguem na sua tarefa. A leitura dos seus jornaes é elucidativa em demasia. Vê-se bem que estamos em frente de creaturas pagas pelo ouro allemão ou obceçadas pelo seu odio á Republica. Umas e outras são nefastas. Umas e outras representam um papel ignobil, em presença do qual só nos é licito combater.

Nas sacristias e nos locais onde se juntam beatas, conspira-se contra o regimen, com a capa tenuissima de bem servir os soldados que venham a cooperar na guerra. A audacia reaccionaria não conhece limites ; exerce-se com uma actividade constante, sem receios alguns, fiando-se não sabemos em que circunstancias. Uns fazem circular folhas soltas pelo paiz, appellando para beneficos elixires religiosos ; outros prégam claramente a desobediencia. Uns exigem, com uma aborrecida lamuria, capellães para o exercito outros procuram levantar difficuldades de toda a ordem. A final, uns e outros completam-se. Confundem as suas bandeiras, confundem as suas pessoas, mas insistem no mesmo proposito. E' essa attitudé dos reaccionarios que o paiz, composto na sua quasi totalidade de gente honesta e trabalhadora, deve apreciar com criterio. Observando cuidadosamente, essa gente descobrirá nos inimigos da Republica individuos de cadastrós, com algumas entradas no Limoeiro por delictos que estão bem longe de ser politicos, e os meneurs e auxiliares varios das conspirações monarchicas. De resto, equivalem-se todos. A sua acção assemelha-se perfeitamente. Concluiam-se, como bandidos de diversas quadrilhas, para assaltar o viandante. E' vel-os por ahí na sua arrogancia. Andam pelas ruas e pelos cafés com os jornaes reaccionarios espantados nas mãos. Titulos bem á vista. Não os interessa a leitura ; o que os interessa é mostrar os titulos dos jornaes seus predilectos—porque insultam a Patria, a Republica e os republicanos de maior prestigio. Isso basta á sua miseria moral, á sua baixaza de sentimentos. As beatas deixam cahir pelas ruas e abandonam nos carros, propositadamente, folhas em que a Republica é insultada na mais baixa linguagem. E agora, como se tudo isso fosse pouco, projectam grandes manobras a proposito dos

capellães militares. Aproveitando o momento em que a lucta dos republicanos deve ser unicamente contra os inimigos da Patria, pretendem assaltar as consciencias e as leis da Republica—como um gatuno assalta uma casa.

Transcrevemos, propositadamente, estas passagens da prosa quotidiana do *Mundo*, que é a mesma da maior parte das gazetas republicanas de Lisboa e da provincia, para que os monarchicos, a massa neutra em politica e os republicanos imparciaes e honestos que ainda ha em Portugal, attentem na maneira como os orgãos dos partidos representados no governo praticam o patriotismo e respeitam a união sagrada.

Com excepção de dois ou tres jornaes republicanos, cuja attitude correcta não podemos deixar de louvar, é uma campanha de todos os dias, de todas as horas, campanha de calumnias e de insultos, de perseguições e de odio, agravada agora pelo facto dos catholicos terem pedido a incorporação de sacerdotes nas tropas expedicionarias.

Elles sabem tudo isso. Todavia falam em conspirações e chamam-nos traidores...

E' a calunnia democratica que sendo, como a mentira do mesmo nome, a mais vil e descarada das calumnias, pode classificar-se conforme os meios, a tuba, o porta-voz de que se serve, da seguinte maneira :

—A calunnia que se roja, que rasteja, como o Paulo Osorio na administração d'O Seculo. Esta pisa-se.

—A calunnia que salta, a calunnia sempre em pé, como a d'um cavalheiro cujo nome se não pode dizer. Esta aguenta-se... porque não ha outro remedio.

—A calunnia que morde, como a que vive no canil da rua de S. Roque. Quebram-se-lhe os dentes.

—Ha ainda a calunnia sorna, sahida de pulmões sem ar, de estomagos sem pão, de gargantas sem voz, a calunnia que zumba e de que são specimens certos artigos publicados recentemente n'uma folha evolucionista da provincia. A calunnia que zumba, enxota-se.

Mas é preciso ter uma grande força de vontade, um grande dominio de si mesmo para soffocar os resentimentos que provocam hora a hora estes barbaros. Elles mentem, diffamam, intrigam, baralham, deturpam o sentido das nossas palavras e dos nossos actos para conseguirem os fins da sua miseravel politica de traição. Que rédes de calumnias elles não tem tecido para convencer o paiz e o estrangeiro do nosso germanophilismo e da nossa falta de amor patriótico!

Ainda ha dias eu pasmava, ao ler um artigo que dizia respeito á attitudé dos monarchicos desde que rebentou a guerra, em agosto de 1914, da falta de consciencia e de escrupulos com que estes homens, os que se pretendem leaes e honestos, procedem e discutem.

A verdade, que ninguém poderá destruir por mais que desnature os sentimentos e as afirmações dos nossos correligionarios, é que os monarchicos adoptaram, desde a primeira hora da guerra europeia, a unica attitudé que logicamente era compativel com o seu nunca desmentido amor patriótico. Apenas alguns se limitaram a fazer reservas, determinadas pela sua justificada falta de confiança na capacidade e na honestidade dos governantes republicanos para presidir aos destinos do paiz n'uma hora de tão grave perigo. Essas reservas comprehendem-se e justificam-se perfeitamente, dada a incompetencia e a manifesta indignidade de que a Republica dera provas em quatro annos de governo ; muitos dos nossos correligionarios temiam com sobrados motivos que aos perigos do exterior a ineptia dos nossos dirigentes não soubesse fazer face e de ahí provinham os seus receios, as suas duvidas, o seu desejo de pôr cobro á nossa desgraçada situação interior antes de nos lançarmos no brazeiro da guerra europeia.

Onde soffremos pelos nossos ideaes, onde pagámos com sacrificios, com privações, com a separação da familia, com a certeza de ver os filhos sem pão, com a incerteza do futuro, o direito de sermos respeitados pelas nossas convicções ?

Era intelligente e viavel esta orientação ? Nós entendiamos que o não era praticamente por virtude das complicações internacionaes que nos podiam advir d'uma perturbação interna ; por isso puzemos logo a questão,—mesmo antes de recebermos ordens de El-Rei—no campo do direito, do interesse nacional, da logica e da verdade, aconselhando a união de todos os portuguezes, abatendo bandeiras, proclamando a neces-

sidade de se acalmarem as paixões politicas.

A mentira democratica é, como a calunnia, a mais vil e descarada das mentiras. Themistocles dizia não saber se a mentira democratica era a mentira que mandava no povo se era a mentira do povo que mandava. Sabia apenas que era a mais vil e a mais descarada das mentiras.

Pois esta especie de mentira cresce agora em Portugal e attingiu o seu maximo florescimento nos ultimos dias a proposito da questão dos capellães militares.

Demais sabem elles que os monarchicos e os catholicos apenas desejam a paz e o bem-estar do seu paiz, d'este paiz que se fez grande á sombra da verdade politica que nós defendemos. Demais sabem elles que os monarchicos e os catholicos seriam incapazes de fazer recahir sobre Portugal a má-vontade da Europa. Demais sabem elles que a nossa attitudé patriótica deixou de ser, após as instruções de El-Rei, uma simples manifestação de opiniões pessoas para se tornar uma obrigação que a todos diz respeito.

Elles sabem tudo isso. Todavia falam em conspirações e chamam-nos traidores...

E' a calunnia democratica que sendo, como a mentira do mesmo nome, a mais vil e descarada das calumnias, pode classificar-se conforme os meios, a tuba, o porta-voz de que se serve, da seguinte maneira :

—A calunnia que se roja, que rasteja, como o Paulo Osorio na administração d'O Seculo. Esta pisa-se.

—A calunnia que salta, a calunnia sempre em pé, como a d'um cavalheiro cujo nome se não pode dizer. Esta aguenta-se... porque não ha outro remedio.

—A calunnia que morde, como a que vive no canil da rua de S. Roque. Quebram-se-lhe os dentes.

—Ha ainda a calunnia sorna, sahida de pulmões sem ar, de estomagos sem pão, de gargantas sem voz, a calunnia que zumba e de que são specimens certos artigos publicados recentemente n'uma folha evolucionista da provincia. A calunnia que zumba, enxota-se.

Mas é preciso ter uma grande força de vontade, um grande dominio de si mesmo para soffocar os resentimentos que provocam hora a hora estes barbaros. Elles mentem, diffamam, intrigam, baralham, deturpam o sentido das nossas palavras e dos nossos actos para conseguirem os fins da sua miseravel politica de traição. Que rédes de calumnias elles não tem tecido para convencer o paiz e o estrangeiro do nosso germanophilismo e da nossa falta de amor patriótico!

Ainda ha dias eu pasmava, ao ler um artigo que dizia respeito á attitudé dos monarchicos desde que rebentou a guerra, em agosto de 1914, da falta de consciencia e de escrupulos com que estes homens, os que se pretendem leaes e honestos, procedem e discutem.

A verdade, que ninguém poderá destruir por mais que desnature os sentimentos e as afirmações dos nossos correligionarios, é que os monarchicos adoptaram, desde a primeira hora da guerra europeia, a unica attitudé que logicamente era compativel com o seu nunca desmentido amor patriótico. Apenas alguns se limitaram a fazer reservas, determinadas pela sua justificada falta de confiança na capacidade e na honestidade dos governantes republicanos para presidir aos destinos do paiz n'uma hora de tão grave perigo. Essas reservas comprehendem-se e justificam-se perfeitamente, dada a incompetencia e a manifesta indignidade de que a Republica dera provas em quatro annos de governo ; muitos dos nossos correligionarios temiam com sobrados motivos que aos perigos do exterior a ineptia dos nossos dirigentes não soubesse fazer face e de ahí provinham os seus receios, as suas duvidas, o seu desejo de pôr cobro á nossa desgraçada situação interior antes de nos lançarmos no brazeiro da guerra europeia.

Era intelligente e viavel esta orientação ? Nós entendiamos que o não era praticamente por virtude das complicações internacionaes que nos podiam advir d'uma perturbação interna ; por isso puzemos logo a questão,—mesmo antes de recebermos ordens de El-Rei—no campo do direito, do interesse nacional, da logica e da verdade, aconselhando a união de todos os portuguezes, abatendo bandeiras, proclamando a neces-

sidade de se acalmarem as paixões politicas.

E para em nada desmentirem as suas tradições, em 1914, corresponderam á nossa attitudé mandando successivamente apprehender o nosso jornal, cobrindo de injurias o Senhor Dom Manuel quando publicámos a Sua nobilissima carta de 15 de agosto, impedindo depois a circulação d'*A Restauração* em que tornavamos publicas as patrióticas instruções que pessoalmente fomos receber a Londres de Sua Magestade e encarcerando-nos, destruindo barbaramente o nosso jornal e expulsando-nos do paiz por tres annos—ao passo que nenhum dos nossos correligionarios perseguidos era condemnado a mais d'um anno de proscricção—quando rebentou a insubordinação de Mafra...

Tinhamos posto a questão, repetimos, desde a primeira hora da guerra, no campo do direito, do interesse nacional, da logica e da verdade. Havia uma alliança secular com a Inglaterra. Essa alliança foi obra da Monarchia que sempre a considerou indispensavel. Não podiam os monarchicos combater a nem repudiar a

Nunca entre os monarchicos houve quem pensasse que se devia recusar o nosso concurso á Inglaterra no caso d'esta o sollicitar. O que se discutiu é se foi a Inglaterra que pediu o auxilio de Portugal, se foi o governo da Republica quem lh'o offereceu. Isto discutiram, no uso do seu pleno direito, não só muitos monarchicos mas sobretudo muitissimos republicanos entre os quaes o sr. dr. Brito Camacho e os seus amigos unionistas. Dizia-se que foi o governo portuguez quem espontaneamente offereceu auxilio á Inglaterra. Dizia-se ainda, já o disseram jornaes republicanos, que o accordo não foi iniciado entre Portugal e a Inglaterra mas entre Portugal e a França, limitando-se a Inglaterra a dar o seu beneplacito.

Isto era o que se dizia e o que se discutia. E' nos impossivel revelar e comentar o que ha sobre esse ponto. Mas se nada d'isto é verdade só o governo e os seus partidarios tem culpa dos seus actos serem mal interpretados. O que recommendava a mais elemental prudencia e tacto era que se esperassem os acontecimentos com a maior tranquillidade, com reserva e calma. Muita gente pensava, talvez bem, que não eramos nós que tinhamos que lembrar á Inglaterra os nossos compromissos, mas ella a nós, se porventura do nosso auxilio viesse a precisar. Para que a união nacional se fizesse perfeita e completa era necessario arredar de cima d'ella todo o espirito partidario.

Foi isso o que se fez ? Que resposta a propria consciencia demagogica, se alguma dignidade ainda lhe resta.

A impressão que ficou na maior parte da gente, em Portugal e no estrangeiro, foi que o regimen queria intervir na contenda a todo o transe. Desde a primeira hora se viu que não era o cumprimento d'um dever sagrado que agitava os republicanos mas o facto, o simples facto, de quererem crear ao regimen uma atmospheria internacional favoravel que até ahí nunca pudera obter. E desde que as paixões sectaristas surgiam assim no primeiro plano não era de admirar, antes naturalissimo, que se manifestassem algumas reacções monarchicas.

Toda a questão portugueza se devia restringir ao ponto em que nós a collocámos em 1914. D'ahi não podia sahir, em caso nenhum, e desde o primeiro momento, a ac-

32:7
1

A TURBA

POR

ROCHA MARTINS

ção official. O pretexto sectarista era estúpido. O argumento de que se tratava d'uma luta da democracia contra a tyrannia, caricato. Oppôr a França á Alemanha, inhabil. Nenhuma d'essas razões era razão para que Portugal sacrificasse a vida de milhares dos seus filhos e milhares de contos do seu thesouro exaustos. Mas os deveres da alliança ingleza impunham esses ou ainda maiores sacrificios? Não havia nada a objectar e nada se podia objectar.

Quando muito, dir-se-hia que os tratados de alliança não nos obrigavam senão a defender a Inglaterra quando ella fosse atacada. Mas isso como meio de encarecer o nosso auxilio e nunca como razão para o negar. A Inglaterra não é, em regra, pela sua situação geographica e pelo valor das suas poderosas esquadras, directamente atacada. Agarrarmos a esse pretexto era chicanar. Equivalia a denunciar os tratados. E governo que tal fizesse commetteria um acto de traição, tão funesto elle seria a esta Patria.

Mas assentes estas considerações e resalvada a conducta inhabil, contradictoria, illogica, dos republicanos, que se atrevem ainda a accusar os monarchicos, concluidas as negociações, bem ou mal, e desde que a Alemanha nos declarou a guerra, nenhum portuguez digno d'esse nome deseja senão que as tropas que vão partir honrem as nobres tradições da nossa terra, voltando cheias de gloria. Não é um exercito de republicanos, mas um exercito de portuguezes, onde vão republicanos e monarchicos e muito menos republicanos, mesmo, que monarchicos. Tudo aquillo que o deslustrasse recahiria não sobre os republicanos mas sobre o nome do nosso Portugal. Não se diria, lá fóra, n'essa Belgica tão pequena mas tão heroica, n'essa França que vem dando um grande exemplo de solidariedade nacional, onde se batem de mãos dadas o anarchista e o reaccionario, não se diria: são republicanos e n'aquelle paiz os republicanos não são da mesma massa que os monarchicos. Dir-se-hia simplesmente: são portuguezes que deshonram os seus antepassados, que constituem, no presente, uma raça degradada.

Jámais! Por culpa dos monarchicos, jámais! Nenhum monarchico, d'isso estamos profundamente convencido, contribuirá para uma tal vergonha. E justamente n'isso se distinguem e distinguirão dos republicanos, os monarchicos. Dos republicanos de 1890 e de 1891, dos republicanos que nunca hesitaram em levantar, elles, nos momentos mais angustiosos, as maiores difficuldades aos governos da Monarchia e que mesmo agora, insultando a todo o instante os seus adversarios, açulando contra elles, como contra animaes ferozes, a matilha dos seus sicarios assalariados, peores que um exercito invasor passando por cima dos vencidos em paiz conquistado, invocando motivos sectaristas em vez de motivos patrioticos, só procuram tornar maior a divisão, mais horroroso o abysmo, mais profunda a cirse nacional.

Réus de lesa-Patria, criminosos á face de Deus e á face dos homens que teem a consciencia ou a infamia de lançar sobre um partido inteiro o labéu da traição sem apresentarem uma unica prova do que avançam. Ha traidores entre os monarchicos? Ha quem conspire contra o regimen que representa hoje a Nação perante o estrangeiro, em pleno estado de guerra? Ha quem semeie a desmoralisação, a desordem, quem applauda a cobardia, quem tenha entendimentos com o inimigo na vespera da partida de tropas portuguezas para a guerra?

Venham os nomes dos traidores e as provas da sua traição. Venham e depressa! D'aque lançamos, do alto d'esta tribuna onde se não mente nem se tergiversa, d'aqui lançamos altivamente, orgulhosamente o repto ao governo, á policia, á imprensa do regimen para que apontem á indignação nacional os nomes dos traidores que deshonram o nome portuguez, o partido a que pertencem e o Rei que dizem servir.

Precisam de ser exautorados, encarcerados e punidos. O governo da Republica se encargará de nos preservar do seu repelente contagio; nós, pela nossa parte, compromettemos-nos a levar ao conhecimento de Sua Magestade os nomes dos traidores e as provas da traição para que El-Rei se digne, como Chefe Supremo dos Monarchicos portuguezes, exautorar publicamente e expulsar do seio do partido quem assim Lhe desobedece e vilmente compromette, compromettendo ao mesmo tempo uma Causa que até hoje só contava nomes de heroes e nomes de martyres.

Venham os nomes dos traidores e as provas da traição. Venham e depressa!

Ahi fica o repto.

HOMEM CHRISTO FILHO

ERA uma onda revolta de populares clamando os seus vivas, quasi procurando arrancar da sella o general Bernardim Freire d'Andrade que sorria, saudava com o seu grande chapéu bordado, em meia lua, agradecendo á multidão aquella apothese.

Vinham os carneiros de mangas arregaçadas, as mulheres dos mercados de roupagens vermelhas, soldados de milicias e operarios com as suas vestes d'officio, atirando flores colhidas nos vallados para aquella recepção ao heroe que entrava em Braga.

Badalejavam rijamente os sinos; esvoaçavam galhardetes, das janellas cahiam chuvas de petalas e elle com o rosto gordunchudo, luzente de suor, os olhos accesos de jubilo, a todos apertava as mãos, deixava-se levar assim até ao quartel que lhe destinavam.

Ao apear quando queria apertar a mão ao general barão d'Eben sentiu-se levado aos hombros, alteado, erguido entre aquelle levante formidavel do povo leu delirante.

Sentia ramos de flores sobre os seus passos ao entrar na casa onde ficava; ouvia sempre o mesmo rumor d'apothese sahindo da rua e atirando a capa, a espada, o bicorne para o canapé, deixava-se cahir estafado no cadeirão conventual e dizia para Eben aos haustos, cançado:

— Nunca mais tenho um dia assim...!

O prussiano olhou-o docemente e exclamou:

— Não o deseje, general... O povo quebra depressa aquelles a quem leva ao collo...

Bernardim Freire achegou-se mais uma vez á janella a aspirar aquella gloria que subia no vozear estonteante da turba enthusiasmada; deixou-se ficar como um idolo recebendo nuvens d'incenso, vendo aquella mistura das classes os ruraes, os soldados, os cidadãos, as mulheres, as creanças n'um berreiro e saudou-as ainda n'um gesto vasto da sua larga mão.

Braga mal vira ainda esse Bernardim Freire d'Andrade que chegara de Lisboa coberto de gloria, a commandar as divisões do Minho; varias vezes elle passara nas ruas tristes da cidade mas n'esse tempo era apenas um vago conjurado com a cumplicidade do Silveira e do Sepulveda.

Mas a sua luta contra os francezes, as acções em que entrara, o protesto indignado que sahira da sua penna ao ver que os inglezes, ao lado de quem se batera, deixavam partir os vencidos com armas e bagagens, tinham-no tornado como um ser sobrehumano, dourado por uma legenda que o povo queria consagrar.

E de bocca em bocca, repetiam-se as suas palavras de colera quando vira subir nos mastros das fortalezas em vez das quinas portuguezas, a substituirem as aguias que vencera, o estandarte vermelho da Gran Bretanha.

Cada vez que se evocava essa revolta os applausos subiam mais fermentes, as vozes tornavam-se mais fortes no seu clamor e os braços erguiam-se como se quizessem ir novamente, buscar aquella varanda o corpo forte do general adorado.

Era um idolo. Embriagava-se no delirio d'aquella onda humana que invadia a praça larga, sorria, passava-lhe a visão doce da mulher e dos filhos nas

suas casas de Lisboa, ambicionando tel-os ali para gosarem da apothese aos seus feitos.

Lá dentro o barão d'Eben, sentado á mesa, ouvia tanto barulho, tanto entusiasmo, tanto clamor e encostado á mão parecia deixar vaguear para muito longe o seu espirito.

Cahia a tarde. Começavam a acender-se fogueiras d'alegria na catholica Braga n'aquelle final de janeiro luminoso.

Dois mezes se passaram entre enthusiasmos preparando a defesa da cidade contra os francezes de Soutt que vinham a caminho para vingarem a derrota do Vimieiro.

Alteavam-se barricadas, preparavam-se as escopetas; chegavam alguidares de pederneiras, fabricavam-se, á pressa cunhetes de polvora, arrastavam-se velhas peças pelas ruas na ausencia do general que fóra visitar as avançadas.

Os francezes, marchavam rapidamente, depois da tomada de Chaves procurando alcançar o Porto, onde o marechal duque da Dalmacia pensaria, depois, em ostentar uma corôa real na sua cabeça d'aventureiro heroico que usára outr'ora o barrete phrygio da turba jacobina em volta do cadafalso de Luiz XVI.

Bernardim Freire mandou sahir o barão d'Eben de Montalegre e formar a sua avançada para Braga.

Quando o prussiano chegou encontrou o povo revoltado, gritando que desejava a cidade defendida e que o general em chefe não apparecia. Buscou acalmar a quella onda humana fallando-lhe da bravura do caudillo, mostrando como elle se batera havia um anno antes. Mas a vozeria calava-o; os braços appareciam armados de chuchos e espingardas, espadas luziam ao sol e nas janellas entrevia-se gente pallida diante da turba ameaçadora.

De repente veiu gente correndo a gritar que as ordenanças da Tebosa traziam comsigo o general.

Como dois mezes antes elle viu-se rodeado por uma multidão; os chanfaneiros de vestes vermelhas, as collarejas dos mercados, trabalhadores e soldados das milicias arvoravam as suas armas singulares e grasinavam doestos aos seus ouvidos costumados ás lisonjas.

Traziam-no mais como um prisioneiro do que como um chefe, levavam-no

jungido entre os seus corpos fortes que tomavam as ruas e o barão d'Eben via aquelles milhares d'homens, a turba immensa, cercando o heroe e ficava paralisado entre a escolta que o aclamava chamando-lhe o seu salvador.

Passou-lhe pela mente o espectáculo de ha poucos mezes quanto tinham trazido o outro em triumpho e lembrou-o n'um brado que a multidão logo abafou.

Bernardim Freire d'Andrade e Castro conhecia decerto muitos d'aquelles rostos agora transformados pela ira e que outr'ora lhe tinham sorriso mas na sua mente de soldado não havia a ideia de lhes recordar o passado.

Sentia decerto ser uma cobardia pactuar, explicar a esse povoleu desvairado a razão porque elle não a ouviria; seria apressar a sua sentença de morte dizer-lhe que melhor seria marcharem sobre o Porto visto Braga não ter uma possivel e logica defesa.

Calava-se; estava pallido. O seu rosto gordo perolava-se do suor do terror ante aquelle bando desvairado. Vinha sem chapéu e desarmado; a farda desabotoara-se-lhe na pressão dos braços da canalha furiosa, nos empuxões do mulherio excitado e foi quasi ao ouvido do barão d'Eben que balbuciou uma supplica de camarada:

— Salve-me!...

— Mata! Mata!... gritou-se em volta, diante da porta do quartel general onde em janeiro as apotheses tinham subido loucamente.

Empurraram-no; elle entrou mas a ponta d'um pique ferira-o e aquelle laivo de sangue no seu rosto foi como um aperitivo para feras sedentas.

Eben puxava, gritava para o salvar, que era melhor prenderem-no.

— Fogo! Fogo!... berrou-se n'um sinistro clamor. Logo na portada onde se occultava, n'esse limiar passado ao collo da multidão, os tiros soaram em descargas cerradas e o general, levando as mãos ao peito despedaçado pelos zagalotes, cahiu á entrada da casa onde ouvira os applausos dos mesmos que o assassinavam agora e já fallavam em arrastar pelas ruas o seu idolo antigo.

Gritava-se tambem contra o ajudante Villasboas, berrava-se que Bernardim Freire fóra traidor, amarravam-se cordas aos pés do heroe que a turba não comprehendera e assim o arrastaram n'uma colera louca de cannibaeas enquanto os francezes avançavam com as suas aguias de dominio mal sabendo como os corvos devoraram a presa que teria sido o seu maior adversario.

Cahia a tarde. Começavam a acender-se fogueiras d'alegria, na catholica Braga, por aquelle meado d'um março florido.



Empire Day no Jardim Zoologico: O sr. ministro da Inglaterra e o sr. general Machado, presidente da Cruz Vermelha



ASPECTOS DA GUERRA

POR
AYRES DE ORNELLAS
E
M. AMARAL

Publicamos a seguir o primeiro capítulo do notabilíssimo livro do sr. Conselheiro Ayres d'Ornellas—Um anno de guerra — editado pela casa Magalhães & Moniz, do Porto, e que hoje mesmo deve ser posto á venda.

Nos proximos numeros d'A Ideia Nacional procuraremos reproduzir mais alguns trechos da obra admiravel do nosso querido e eminente collaborador, que é mais um testemunho eloquente da rara qualidade do seu espirito e mais um desmentido fulminante ás calumniosas accusações de germanophilismo que tem sido dirigidas aos monarchicos pelos nossos adversarios.

O livro do sr. Conselheiro Ayres de Ornellas contém, desenvolvidos e completados com novos capitulos, os brilhantissimos artigos por elle publicados na primeira série d'A Ideia Nacional e que tão grande successo obtiveram.

Esperamos que o publico portuguez receberá o livro do glorioso militar com o mesmo enthusiasmo com que acolheu o anno passado, os seus artigos d'A Ideia Nacional, agora reunidos em volume n'uma elegante edição da casa Magalhães & Moniz.

QUIZERAM os imprevistos de uma viagem que estivesse em Kiel na Grande Sema-mana das Regatas de 1911. Não foi a lucta entre os hiates dos millionarios americanos e o Meteor que mais me despertou a attenção: tinha ali defronte das janellas do hotel as quatro divisões de navios de batalha e as duas de cruzadores, que prefazião as 26 unidades da esquadra, (1) — n'esse mesmo anno accrescida com os quatro *super-dread-noughts* de 22 mil ton. classe Helgoland, e com o grande cruzador couraçado da mesma tonelagem, v. Moltke, dando 24.8 nós de velocidade. Não sendo do officio não podia apreciar todo o valor tecnico do que via, mas como soldado sabia avaliar o que era a tre-nagem que presenciava. Dizer que era constante, que era incessante, não basta, era perenne no mar e em terra.

A labuta militar, o trabalho no arsenal, a instrucção nos quartéis e no mar dava á impressãõ de não parar nunca. Não traduzia agitação, nem pressa, nem muito menos parecia occasional: era assim sempre e por toda a parte.

(1) 1.^a Div.: Westphalia, Nassau, Rheinland, Posen.
2.^a Div.: Hannover, Silesia, Macklemburg, Wettin.
3.^a Div.: Prussia, Schleswig, Alsacia, Hesse.
4.^a Div.: Brunswick, Lorena, Pomerania, Deutschland.
Cruzadores: Blucher, v. d. Tann, Mainz, Holberg, Dresden, Roon, Yorck, Berlin, Lubeck, Stettin.

Sabia-se já então que o programma naval estaria completo muito antes do prazo marcado; n'uma larga visita d'automovel ao Canal de Kiel adquirira egualmente a certeza de que muito breve estava concluido.

As regatas, que na realidade só representavam uma instrucção a mais, concluíam com uma grande festa, precisamente no hotel em que estava. Ali vi, com o Principe Henrique da Prussia, os Estados Maiores das Esquadras e officialidade dos navios de guerra: tudo respirava força, vigor, mocidade. E se, como aliás podia notar nas tripulações quem por mais d'uma vez vira de perto esquadras inglezas, faltava a uns como a outros o que quer que é de indefinivel devido a uma tradição naval unica e que tanto impressiona na Royal Navy, não restava por outro lado duvida de que aquella esquadra era uma Força naval, tripulada por gente de guerra e commandada por homens de mar.

Depois, uma manhã, o Hohenzollern zarpava, e com o Estandarte Imperial içado, passava entre as longas filas da esquadra saudado pela artilharia e pelos Hoch da marinhagem, e perdia-se ao longe na immensa bahia de Kiel, com a prôa para a Noruega. Começara o Kaiser o seu cruzeiro annual.

Dois dias mais tarde, ao abrir a janella, via attonito o Hohenzollern fundeado, baloiçando pacatamente á brisa o signal de que o Kaiser não estava a bordo. Mas Guilherme II estava bem a bordo e recebia successivamente o almirante Von Tirpitz, o chanceler do Imperio, o Chefe do Estado Maior General. Na manhã seguinte o telegrapho annunciava ao mundo que o Panther fundeára em Agadir, nome com que modernamente se disfarça aquelle outro, de tanta tradição portugueza — Santa Cruz do Cabo de Guerra!

Está na memoria de todos o que foi esse novo depôr da espada allemã na balança da politica europeia. Pelas diversas cidades onde fazia étape na volta para aquem Rheno, ia presenciando o estremeção violento d'um povo ebrio de força, fanatisado pelo orgulho da sua indiscutida superioridade. Aquella opinião publica não poderia muito ser agitada em vão. Não aceitava já reconhecer possiveis quaesquer obstaculos ao seu querer; *pro ratione voluntas!* No embate inilludivel com o germanismo integro, na sua força intellectual, scientifica, commercial e industrial, todos integrados pela força militar na Nação Armada, com o proposito irreductivel de germanisar o globo terrestre para sua maior ventura, como resistiria a nossa antiga civilisação defendida em primeira linha por uma democracia anarchisante?

Formidavel problema que desde en-

tão via perante mim claro e nitido. Porque o contraste era absoluto. Além, uma nação de população crescente, regida ha um quarto de seculo pela mesma poderosa mão, educada toda n'uma doutrina, a da sua superioridade; tre-nada n'um espirito só, o da lucta; tendo em mira um fim unico, dominar. Mais pesada ia successivamente sendo a sua intervenção na politica porque em 15 annos galgara ao segundo lugar entre as potências navaes, porque a sua força militar ia a breve trecho subir á cifra extraordinaria de cerca de um milhão d'homens no pé de paz! Aquem, um paiz onde o acrescimo de população ia parando, com um governo cada seis mezes, onde tudo quanto constituia força nacional se diluia nas luctas parlamentares, onde a politica externa oscillava entre Kiel e Tanger, onde a Republica justificando a sua definição — regimen de guerra civil — propositadamente tinha como politica interna sacrificar o interesse nacional, o sentir e o pensar da massa da nação, ao doutrinarismo theorico pacifista, humanitario, e laico. Assim era ferozmente combatida a lei salvadora que vinha dar ao Exercito os effectivos indispensaveis, e Maurice Barrés narrava as sessões de um inquerito parlamentar sob o titulo suggestivo: — *Dans le Cloaque* — ao passo que um dos chefes socialistas declarava que para fazer a guerra era preciso um Rei: *Faites un roi, sinon faites la Paix!* Deveras, na sua estrutura official a nação parecia desagregar-se. Como resistir ao embate do bloco formidavel que de longe vinha preparado para a esmagar?

Dois elementos essenciaes surgiam a responder: a capacidade do generalissimo, a confiança que n'elle e no seu chefe de Estado Maior (1) depositavam os do officio e a attitudo do povo dos campos e da officina perante a brutalidade da provocação allemã: *Il faut en finir!*

Seria isto bastante? Porque a pressão allemã vinha de traz. Sadowa e Sedan tinham dado ao nome allemão a victoria. Houve um meio seculo de admiração pela Allemanha.

O prestigio militar trouxe-lhe uma especie de dominio intellectual, e a superioridade allemã pasou a ser indiscutida do Tratado de Francfort para cá. E na Republica, forma unica de governo que Bismarck consentira á França, a submissão intellectual infiltrou-se no ensino, como a submissão economica, preparando um Gibraltar allemão nas

(1) Joffre e Castelnau. São os dois homens mais atacados desde a sua nomeação e ainda agora depois das victorias, por Clémenceau, typo acabado do anarchismo revolucionario. Para elle como para Saint Just, um general, tem sempre o que quer que seja de monarchico.

costas da Mancha, (2) creando um Creusot allemão em plena Normandia, (3) como a submissão financeira, mantendo um allemão á frente do 1.^o estabelecimento de credito do Pais (4) e outro á testa da moagem franceza: (5) No dominio militar fora necessario o ensino dos Mairard, Bonnal, Foch, para restaurar a doutrina de guerra do Imperador. Mas o Governo, alluindo o serviço d'informações do Estado Maior General por occasião d'um processo celebre, (6) deixava por seu lado o campo aberto e livre a toda a meticulosa organisação da ante-guerra allemã. O povo allemão alastrara os seus tentaculos sobre a França por forma que organismo algum do paiz parecia ter podido eximir-se á sua acção. E quando souu a hora marcada, desengatilhou-se o mechanismo colossal, e sem um empeno, a nação germanica toda veiu para a guerra: exercito, officinas, industrias, bancos, vias ferreas, reservas inexgotaveis, uma opinião publica unanime, internamente, externamente preparada por um serviço d'impressão e de propaganda, previsto tambem até á ultima minucia.

A Batalha do Marne aguentou e fez recuar tudo isto.

O Generalissimo francez preparara de começo a offensiva, manobrando com a sua esquerda composta de tres exercitos e do Corpo expedicionario inglez entre o Luxemburgo e a Belgica, tendo a direita apoiada na linha de fortificações da fronteira coberta pelas tropas operando na Lorena e na Alsacia. Iniciada a 21 d'agosto, a offensiva estava a 23 rechaçada em toda a linha, e dois dias mais tarde a invasão allemã penetrava em França por toda a fronteira. Seguem-se os dias da crise. A Alsacia é evacuada, a Presidencia e o Governo retiram por Bordeus, o ministerio recompõe-se collocando Millerand na Guerra, e Joffre reconstitua o exercito, alterando quasi todo o alto commando.

O seu plano fora recuar até encontrar uma situação que permittisse retomar a offensiva: dizia-o logó na Ordem de 25 d'agosto.

«Não tendo sido possivel executar a manobra offensiva projectada, as operações ulteriores serão reguladas por forma a reconstituir na nossa esquerda... uma massa capaz de retomar a offensiva, emquanto os outros exercitos aguentarão, durante o tempo necessario, o esforço do inimigo».

Mas a rapidez da marcha allemã, a congestão no serviço ferro-viario determi-

(2) O porto de Diélette.
(3) Les fonderies et aciéries de Caen.
(4) Emil Ulmann, no Comptoir d'Escompte.
(5) Lucien Baumann nos Moulins de Corbeil.
(6) Foi Waddington que por occasião do processo Dreyfus supprimiu a Service des Renseignements no Estado Maior General.

nada pela evacuação de Paris, a mudança da base d'operações britannica de Boulogne, para Saint-Nazaire vinham ainda retardar a execução da manobra. A 4 de Setembro quando von Kluck inflete a direita alemã para Meaux e Coulomniers, deixando Paris no flanco, está já, porém, constituída na esquerda a massa capaz de retomar a ofensiva: é o exercito de Maunoury e o de Gallieni, do campo entrincheirado de Paris, formando bloco com o exercito inglez e o de Franchet d'Esperey (antes Laurezac). E a offensiva geral é prescripta em toda a frente commentada com a Ordem do Dia já historica:

«No momento em que se vae travar uma batalha da qual depende a salvação do Paiz importa lembrar a todos que já não é tempo d'olhar para traz; todos os esforços devem empregar-se para atacar e repellir o inimigo; uma tropa que não poder avançar, de-verá, custe o que custar, guardar o terreno conquistado, e deixar-se matar mas não recuar. Nas circumstancias actuaes não se pode admittir desfallecimento algum».

A linha alemã está então traçada assim: von Kluck está todo na margem esquerda do Marne; o exercito de von Bulow vae de Esternay a Fère-Champenoise; o Saxonio, von Hansen, occupa a linha Sommesons-Mailly; d'ahi segue o Pr. de Wurtemberg até Sermaize, por Vitry-le-François, ligando-se com o Kronprinz que opera na Argonne.

Do lado francez, o Marechal French está em frente de von Kluck que tem Maunoury (5.º exercito) no seu flanco direito; segue-se Franchet d'Esperey (3.º exercito), o 4.º, Foch, depois Langle de Cary e Sarrail, antigo exercito de Ruffey, na Argonne frente ao Principe Real.

A pressão de Maunoury na extrema direita alemã, obriga von Kluck a deslocar a sua linha de batalha; Sir John French aproveita e passa o Marne (a 9) quando Foch (cujo exercito fôra constituído depois de 20 de agosto) provoca a decisão. Aproveitou o hiato que a lucta formidável dos dois primeiros dias abriu na linha alemã, obrigando Bulow atacar á direita e von Hansen á esquerda, reúne na sua esquerda todos os effectivos disponiveis e lança-se sobre o flanco da Guarda Prussiana e dos corpos Saxonios em Fère Champenoise immortalizada na campanha de 1814. Aberta a brecha passa o Marne a 11, a 12 Langle de Carry entra em linha na direita, e Sarrail na Argonne consegue no mesmo dia fazer frente ao norte, repellindo o Pr. Real. Na Ordem Geral d'essa data, Joffre podia dizer:

«A batalha travada ha cinco dias termina n'uma incontestavel victoria. A retirada dos I, II e III exercitos allemães accentua-se em frente da nossa esquerda e do nosso centro. O IV exercito inimigo começa tambem a dobrar ao norte de Vitry e de Sermaize.

A vigorosa retomada da offensiva, determinou o successo. Todos, officiaes e soldados corresponderam ao meu appello. Bem mereceram da Patria.

No dia immediato annunciava que a victoria se affirmava cada vez mais completa.

No exercito allemão reconhecia-se bem que a acção do Marne era decisiva. Tem sido muitas vezes citada a Ordem do Dia do VIII corpo:

«Está alcançado o fim procurado pelas nossas longas marchas: As principaes forças francezas tiveram que aceitar o combate depois de terem constantemente retrocedido. A grande decisão está indiscutivelmente proxima. A manhã a totalidade das forças allemãs estará empenhada na linha Paris-Verdun para salvaguardar o bem estar e a honra da Alemanha. Eu espero de cada official e soldado, apesar dos duros e heroicos combates dos ultimos dias, o cumprimento do dever inteiro e até o ultimo suspiro. Tudo depende do resultado do dia de amanhã».

Não cremos que possa haver duvida: basta pensar no caminho que seguiria a guerra se o Marne fosse uma victoria alemã, seguindo-se naturalmente a entrada em Paris. Em vez d'isto, o Marne marcou o limite da offensiva alemã. E as tropas obrigadas a recuar estavam sobrecitadas por uma marcha victoriosa, compunham-se do escol do Exercito commandado por homens que não duvidavam da superioridade do material com que manobravam. A victoria do Marne demonstra não só a superior qualidade do combatente, mas, e principalmente a superioridade da doutrina de guerra franceza. E' uma obra prima da arte.

Foi concebida quando tudo era contrario ao generalissimo francez, n'uma situação militar gravissima, acrescida d'uma crise politica, obrigado nos dias d'uma retirada incessante a reconstituir quasi de novo o seu exercito.

O sangue frio inalteravel, a força moral, a calma tranquilla de Joffre revelam um d'aquelles homens que Napoleão chamava: — *Carrés par la base*.

E soube ir buscar, longe na escala hierarchica os commandantes que lhe iam pôr em pratica a ideia genial. Coube por singular coincidência ao involuvel mestre das Lições d'Estrategia da Escola de Guerra, produzir a decisão da lucta. A manobra de Foch mettendo-se entre os dois exercitos de von Bulow e von Hansen é já hoje classica. Uma vez ainda se verificava a doutrina napoleonica — *La brèche faite, l'équilibre est rompu*.

Rompeu-se deveras o equilibrio: os allemães não affrontaram mais a guerra de manobra: criaram desde a batalha do Aisne a guerra de posição enterando-se nas trincheiras. Todo o seu colossal esforço d'então para cá não produziu ainda decisão alguma. Pelo contrario as tentativas de romper para o mar, ou em qualquer ponto da linha franceza tem falhado completamente.

Não queremos nem podemos evidentemente fazer prognosticos sobre a guerra: vae ainda naturalmente longe do seu fim. Mas não é licito deixar de notar que a grande batalha campal do Marne, a maior travada até então (23-25 corpos d'exercito de cada lado) foi uma victoria franceza, e decisiva n'este theatro da guerra.

Essa decisão tem desde então dominado a estrategia da campanha. Obrigou os allemães a ir procurar n'outras frentes o resultado que ali lhes falhou. Quaesquer que sejam, porém, os successos que possam alcançar, é no theatro occidental que militarmente se tem que decidir a victoria. E' o que importa hoje sobretudo registrar.

No 1.º anniversario da Batalha do Marne.

AYRES DE ORNELLAS

A situação militar

decorrer da ultima semana trouxe-nos a imprevisita novidade de uma violenta offensiva dos austro-hungaros na frente italiana. Os communicados officiaes, tanto de um lado como do outro, apresentam-se com uma opulencia descriptiva simplesmente consoladora para estes aridos tempos de guerra que vão correndo de uma monotonia capaz de fazer adormecer nas trincheiras os proprios combatentes. Realmente a guerra ia-se tornando impertinente com a indecisa lentidão que caracteriza as operações. Apenas a lucta em Verdun sem deixar de ser absolutamente monotona, vinha pondo um clarão de sangrenta actividade na extensa linha de batalha de toda a Europa.

Desde o dia 18, porém, a violencia da lucta generalizou-se á frente italiana onde os austriacos depois de quasi um anno de uma inalteravel attitude defensiva, atacavam vigorosamente n'uma extensão de 40 kilometros, pondo em movimento effectivos avaliados em 300.000 homens.

Dos copiosos communicados de ambas as partes pode inferir-se de positivo que os italianos abandonaram as suas posições avançadas, por motivos de ordem strategica, segundo elles proprios, ou, segundo os seus adversarios, pela força das circumstancias representada por projecteis e bayonetas em acção.

Esperemos mais uns dias para termos a certeza sobre a veracidade das noticias em que os austriacos se attribuem extraordinarias vantagens.

Na frente franceza a lucta continua a resumir-se quasi ao ataque de Verdun, concluindo-se da leitura dos communicados diarios que os allemães não desistem da empreza que ha cerca de 4 mezes emprehenderam. Nos ultimos dias a lucta tem sido caracterizada por um regimen de fluxos e refluxos de parte a parte sem que se possa assentar

n'um avanço positivo de qualquer dos adversarios. Ainda no dia 24 uma das phases mais intensas da batalha se verificou em torno das ruinas do forte de Douaumont de que os allemães novamente se apoderaram pela segunda vez, devendo o leitor lembrar-se que já em fins de fevereiro elles conseguiram destruil-o com a sua artilharia.

Na parte da linha de batalha occupada pelos inglezes, lograram os allemães apoderar-se de 1.500 metros de trincheira depois de um bombardeamento intenso começado ha justamente oito dias.

Nos Balkans é positivo que diminuiram consideravelmente os effectivos austro-allemães certamente para que pudessem ser reforçados os contingentes destinados á grande offensiva na frente italiana. Nas restantes frentes a situação mantem-se. Os russos avançando sempre em direcção a Bagdad conseguiram já entrar em contacto com as forças inglezas do general Gorrinque, não devendo tardar muito que se dê uma acção decisiva n'aquellas paragens.

Lisboa, 25 de maio, 1916.

M. AMARAL
Tenente de Artilharia

Cartas aum liberal

A grande embriaguez

I
In principio...

POR
ALBERTO MONSARAZ

Meu pobre amigo:

TALVEZ na sua longa vida de Conselheiro publico nunca tivesse lido o Contracto Social? Acredito. Está bem dentro da psychologia instavel e diffusa, que lhe transmiltiram tres gerações de ideologos na corrente do sangue, desconhecer por completo os proprios fundamentos d'essa herança psychologica.

Imagine você o maior dos absurdos, o maximo dos contrasensos — um navegador que nunca tivesse embarcado, um padre catholico que diga missa, não sabendo comprehender nem mesmo soletrar as illuminadas paginas do seu missal. E' esta a situação lamentavel de certos liberaes que ignoram ou fingem ignorar os dogmas sociologicos de Rousseau. Não queira ser d'esses, meu pobre amigo. Mais uma vez lhe venho pedir, pelo muito que o estimo, se acaso não sabe ou não pode ser sensato, que se conserve ao menos logico na sua insensatez. Eu admitto e até concordo que uma pessoa, enganando-se, convenha francamente que se enganou.

O que eu não acceito é que alguém, compenetrado dos proprios erros, mas não se atrevendo a reconhecê-los em confissão publica, procure desculpar-se por uma forma indirecta com a ignorancia dos verdadeiros alicerces sobre que taes erros assentavam. Isso nunca. Portanto, como você me mostrou ainda conhecer e conscientemente applaudir a doutrinação venenosa do pontifice de Genebra, a unica espumantissima nascente de ideologias e ficções, d'onde ha cento e tantos annos brotou, n'um jacto, todo o liberalismo contemporaneo, vou projectar-lhe no *écran* sempre nitido da Historia e á luz classica e tranquilla do seculo em que vivemos essa figura e essa doutrina, que o passado tornára gigantescas, mas que o tempo se tem encarregado de reduzir, afastando-as pouco e pouco da nossa sensibilidade, ás mais infimas e risiveis proporções. Assim, hoje em dia, auctor e obra apparecem-nos tão amesquinhadados moral e scientificamente, que poderemos represental-os, sem receio de desfavor, por esta simples imagem, tipica e inconfundivel: um ponto a cavallo n'um zero. Queira escutar:

In principio viviam os homens em estado de felicidade. Quando? Não o diz o filosofo mágicador. O que pôde afirmar-se é que nem se tratava do paraizo terrestre nem do pae Adão antes do peccado original. Onde? Em que sitio do globo? Tambem se não sabe ao certo. Um pouco por toda a parte, como os cogumelos espontaneos. Com mais ou menos calor, do equador aos tropicos e dos tropicos ao polo, tudo era Natureza e tudo era Felicidade. Esse homem primitivo, de cabellos até aos pés

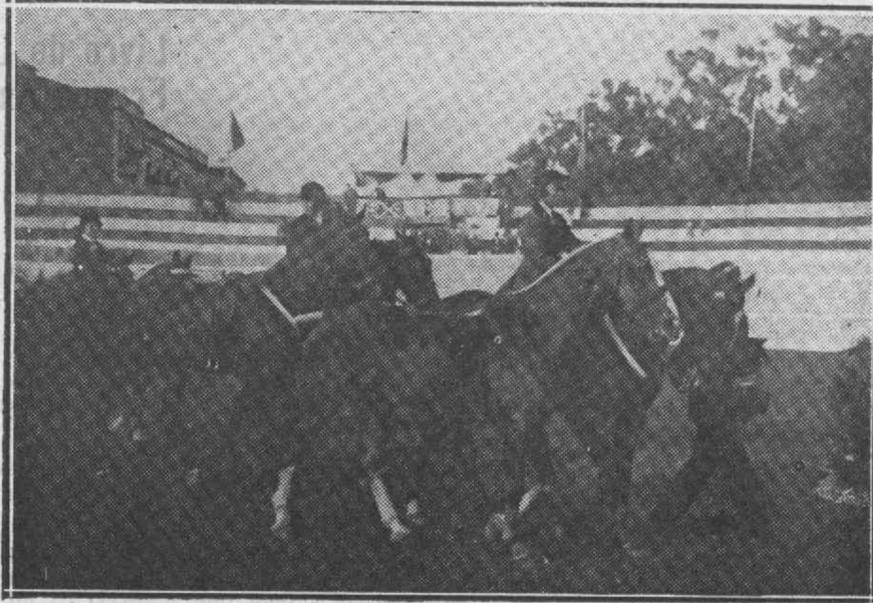
e infinitas unhas retorcidas, passava os dias n'um perfeito nirvana de inconsciencia e beatitude. Bom, docil, compadecido, não conhecia nem a vaidade, nem a estima, nem o desprezo. Interessantissimos cavalheiros. N'este ponto concordava Rousseau com a doutrina catholica de que aos pobres de espirito pertencia o reino dos ceus. Aristoteles considerára a sociedade como um fenómeno natural. Isto tirava ao individuo todo o espirito de iniciativa para a sua constituição. Logo, o nosso mágicador supõe que os primeiros homens vivessem no mais rigoroso e absoluto isolamento de tudo e de todos. Uma sensaboria manifesta. Hobbes admittia os maus instinctos, nativos no intimo da alma humana. Mas em tal hypothese a sociedade teria a sua justificação na força dominadora e neutralizante d'esses espontaneos maus instinctos, o que tambem não convinha a Rousseau por diminuir e amesquinhar demasiadamente o individuo e as excellencias da sua liberdade pessoal.

D'ahi veio a criação do *homem ilha*, como lhe poderemos chamar, rodeado de natureza por todos os lados e por todos os lados de trasbordante ventura, mais santo do que um santo do Céu, mais selvagem do que um selvagem do sertão. Voltaire commentava assim este roziario de dislates: «Après l'avoir lu on a envie de marcher a quatre pattes» Morava-se n'um authentico eden de bichos inoffensivos! O homem de hoje, se então existisse, viveria dentro d'uma jaula como um animal feroz. Não havia difficuldades alimenticias: bastava estender o braço e colher os fructos, lançar pedras e matar a caça. Nem acrescimo no preço dos generos, nem possivel crise de subsistencias. Até faz inveja, n'este anno V da republica Portuguesa! Um bello dia descobriu-se o ferro. Nasceu consequentemente a ideia de agricultar o solo, e com ella a noção desgraçada da posse individual das terras para quem as agricultasse. Era a propriedade particular em todo o seu horror. Quem fôra o malvado que descobrira o ferro? o facinora que pensára em lavar pela primeira vez? Antes cavasse com as unhas: seria mais lenta a perdição collectiva do mundo.

N'essa altura, não se sabe como nem porquê, já os seres humanos viviam uns com os outros, sem todavia viverem em sociedade. «On s'accoutuma à s'assembler devant les cabanes ou au tour d'un grand arbre; le chant, la danse, vrais enfants de l'amour, et du loisir, devinrent l'occupation ou plutôt l'amusement des hommes et des femmes oisifs et atropés... Não era ainda o agrupamento social, mas já era o rebanho social. Para esse quotidiano regabofe, com loas e bailaricos, o *homem ilha* primitivo substituiria-se pelo *homem archipelago*.

Mas da agricultura e partilha das terras nasceram, ai de nós, discórdias ine-

NO HYPPODROMO DE PALHAVÁ



Place aux dames : As amazonas que tomaram parte no concurso hyppico
A photographia de baixo representa um aspecto da assistencia

Minha senhora :

Terminou afinal o concurso hyppico. No ultimo domingo estava lá «toda a gente conhecida». Esta expressão—toda a gente conhecida—abrange na hermeneutica mundana aquella adoravel quota parte da sociedade que enche ás segundas feiras o Colyseu, ás terças o Chiado Terrasse, ás quartas o Republica, ás quintas o Olympia, ás sextas o Gymnasio, o D. Maria aos sabbados, o hyppodromo quatro vezes por anno, as egrejas uma vez por semana, a rua todos os dias e que no resto do tempo, feitas as compras e as visitas, se dedica amoravelmente á vida de familia... «toda a gente conhecida» significa, d'uma fórma generica, certa cathgoria de pessoas que parece não terem cadeiras em casa, de tal modo procuram, para sentar-se, os fauteuils dos theatros, as bancadas do cine e as cadeiras dos outros.

Claro que tambem esta gente tem a sua função so-



cial : sem ella, os cartuxeiros morreriam na ociosidade ; sem ella, nem o nosso Egas escreveria as monographias do Pantano, nem o Carlos da Maia poderia exercitar o seu dilettantismo de medico e psicologo ; sem ella estaria morto n'este melancholico paiz o culto da elegancia e eu não teria onde colhesse as notas, ora alacres ora amaveis, das cartas que lhe escrevo.

Demais a mais, eu proprio que assim pareço desdenhal-a, soffro o encantamento d'estas assoisses mundanas onde os perfumes caros, os estofos e as joias florescem sob o sol ; fujo d'ellas para me libertar, para não contrahir o habito, esse habito d'uma força tão grande que já M.^{mo} Du Deffant, ouvindo dizer que S. Diniz só nos primeiros momentos tivera difficuldade em conduzir a cabeça decepada, observou friamente : «Je le crois bien ; il n'y dans de telles affaires que le premier pas qui coûte.

José Fernandes



vitaveis. Começaram, uns a espoliar e a roubar, os outros a resistir e a defender-se. Viveu-se assim durante seculos até que os ricos fizeram um pacto (eíl-o, o contracto social!) para transformar o facto em lei, a usurpação em direito.

«Telle fut ou dut être l'origine de la Société et des lois, qui donnèrent de nouvelles entraves au faible, de nouvelles forces au riche, détruisirent sans retour la liberté naturelle, fixèrent pour jamais la loi de la propriété et de l'inégalité, d'une adroite usurpation, firent un droit irrevocable, et pour le profit de quelques ambitieux, assujétirent désormais le genre humain au travail, à la servitude et à la misère. Simpathico desabafo. Até parece um discurso de Afonso Costa sobre os detentores da propriedade. Rousseau nas suas doutrinas transmitiu ás gerações futuras a propria lingua e é com ella que ainda hoje nos fala, pela bocca de quantos parasitas florescem na magra ceara das sociedades modrenas. Este precursor do seculo XIX, de um seculo de progresso e de luz, meu pobre amigo, como dizia a fallecida imbecilidade do seu collega Pacheco, este apregoado redemptor espirital da humanidade, negava o estado e a organização politica, atacava a civilização e o progresso, sendo necessario, para regressar á beatitude primaria, fazer taboaa raza de todas as suas conquistas, materiaes e moraes. Pois dorme o somno eterno da morte (mau somno deve ser elle) entre os maiores vultos da França no Pantheon de Paris. Que absurdo e que ignominia!

Mas vamos propriamente ao contracto social. Cançados de se guerrear por seculos sem fim, os homens reuniram-se um dia n'uma plenaria assembleia deliberativa. E' esse o primeiro parlamento da Historia. Vo-

cê, que foi tantas vezes deputado e estava para ser nomeado par do reino á data de 5 de Outubro, imagine o que não seria essa inicial reunião do Povo Soberano, n'um subterraneo ou n'uma clareira, com discursos ardentissimos de tribunos e guarda de honra de macacos. Estou a imaginal-o n'esse dia, meu pobre amigo, envergando a sua sobrecasaca garretteana entre tantas peles de cabra, ostentando o seu aprumo no meio de tão desordenados tregeitos e isso (não me leve a mal) dá-me uma extranha vontade de rir, nervosa, convulsiva, indisarçavel. Que patusco! que patusco! Organizada a meza, presidente e dois secretarios como no congresso da republica, propozeram-se as questões prévias, os prévios assumptos a discutir. D'onde poderia nascer a Sociedade?

Da Natureza? Não. Em semelhante estado todos eram livres e eram eguaes. A auctoridade do Pater Familias, indispensavel enquanto os filhos fossem pequenos, tornava-se, depois de crescidos, desnecessaria e convencional.

Da Força? Tambem não. Se Deus era a origem de todo o poder, d'elle igualmente nos vinham todos os males e ninguem deve ser impedido de chamar um outro medico quando de facto esteja doente. Se uma pessoa é intimidada á pistola no canto d'um bosque, (então ao que parece já havia pistolas) tem evidentemente o direito de reagir. Logo a força, representada pela pistola, nunca foi o direito, nunca foi o poder. Mas não vindo a auctoridade primeira, nem da Força nem da Natureza, d'onde poderá ella legitimamente brotar? Só d'um Accordo commum, só d'um Contracto geral. E assim entrou-se na ordem do dia, fixando o presidente troglodita o objecto exacto do pro-

blema a discutir-se, na seguinte formula que é maravilhosa de logica e de concisão :

«Trouver une forme d'association qui défende e protège de toute la force commune la personne et les biens de chaque associé et par laquelle chacun s'unissant à tous, n'obéisse pourtant qu'à lui même et reste aussi libre qu'auparavant». Como vê, nada mais natural. Simplicissimo. Cada um unido com todos, não obedecendo entretanto senão a si proprio e permanecendo tão livre e independente como antes da referida união.

«Peço a palavra sr. presidente, exclamou de cima d'uma bananeira, um dos homens primitivos».—Tem a palavra o illustre membro da Humanidade.—«Serei breve, sr. presidente, pois não quero privar por muito tempo uma tão esclarecida assembleia de primarios de escutar, com o mais vivo prazer, a palavra fluente e brilhantissima dos oradores que vão succeder-me n'esta tribuna.

Pretendo apenas frisar um ponto : Se todos os homens abdicarem da sua liberdade individual, ninguem perde essa mesma liberdade, visto como o sacrificio de cada um sem reservas a dispensar em beneficio de todos, é um sacrificio largamente compensado pela quota parte do poder que em nome da comunidade virá a possuir sobre os seus semelhantes. (Bravo, bravo, apoiado, muito bem, partem das ramadas da extrema esquerda). Assim, continua o orador, todos ficarão donos do Estado e o Estado, pela sua parte, dono de todos em geral e de cada um em particular». «V. Ex.^a permite que o interrompa para um esclarecimento, ruge da esquerda um parlamentar de gaforina emaranhada : Dentro do arranjo politico proposto, poderemos nós outros pedir contas

ao Estado por qualquer acto que a nosso respeito elle venha a praticar?» —«Não, senhor membro da Humanidade, a deliberação publica não responsabilisa o estado soberano. Ninguem pôde ser obrigado a cumprir os encargos tomados para comsigo mesmo, e que são afinal os varios componentes da collectividade senão a propria collectividade. Tenho dito». (Apoiados da direita, vindos do fundo d'um matagal). O segundo orador inscripto acha que a soberania deve ser não só inalienavel como indivisivel, pois a divisibilidade da soberania corresponde á sua inevitavel alienação parcial. O Poder, affirma bem alto para que todos o oçam e façam justiça ás suas intenções, tem de estar permanentemente nas mãos de todos, contanto que cada qual vote por si proprio e não em virtude de interesses communs com quaesquer outros individuos.

Abaixo pois o voto d'associação. (Apoiados da esquerda). Será esse um dia o parecer de LYCURGO e é já hoje o seu irrevogavel parecer.

Generalisa-se a discussão. Quem faz as leis? A comunidade para a comunidade. Assim não haverá perigo de que sejam injustas. Ninguem é injusto comsigo mesmo. Governo, deverá existir um governo, intermediario entre o estado e os particulares, entre todos e cada um. O Rei será, não o chefe da Nação, mas o chefe d'esse grupo de funcionarios, o executante supremo da vontade geral. Passa-se logo á votação das referidas propostas mas, antes d'isso, o presidente troglodita levanta-se, grave e solemne na sua pelle de cabra, e garante com convicção : «Je terminerai par une remarque qui doit servir de base à tout le système social ; c'est qu'au lieu de dé-

truire l'égalité naturelle, le pacte fundamental substitue au contraire une égalité morale et légitime à ce que la Nature aurait pu mettre d'inégalité physique entre les hommes, et que, pouvant être inégaux en force et en génie, il deviennent tous égaux de convention et de droit». Todos votam por aclamação. Estava constituída para sempre a Sociedade.

E foi graças a esse accordo, falscando-o mais ou menos, que, segundo Rousseau, se succederam na Historia do mundo, Assirios e Hebraicos, Egypcios e Gregos, Romanos, Barbaros, Senhores Feudais, Reis absolutos, governos democraticos, etc., e que eu e você ainda hoje vivemos, sem nos guerrear, n'esta boa terra de Portugal. Ora é estupendo, simplesmente estupendo que um seculo inteiro de gente culta, que se orgulhava de saber pensar, acreditasse em tão insolitas patranhas e se batesse, nas barricadas e nas assembleias publicas, pela confusão, mixto de paradoxos e de imbecilidades, que essas mesmas patranhas representam.

E' estupendo, mas é verdade. Baseando-se toda a sociedade n'um contracto e sendo todo o contracto rescindivel pelas partes interessadas, podem os associados em qualquer altura, caso estejam fartos ou desgostosos, romper os compromissos geraes d'esse accordo, que hajam feito. E' o que se chama: na familia, o direito ao divorcio; na sociedade, o direito á revolução. Com as minhas proximas cartas procurarei convencel-o da influencia que esta obra, o mais phenomenical amontoado de dislates que possa conceber-se, vem produzindo ha cento e tantos annos nos sentimentos e nas ideias collectivias de quasi todos os povos civilizados.

Imagine o meu pobre amigo que ainda não era conhecida a roleta, e que um charlatão se lembrava hoje de apparecer em publico com uma taboa, tendo n'ella pintados 36 numeros e offerecendo, a quem jogasse em qualquer d'esses numeros, uma probabilidade de ganho contra 35 probabilidades de perda.

Seria positivamente corrido com insultos e espancamentos. Pois um bello dia esse charlatão inventou a roleta; de então para cá, arruinam-se fortunas sobre fortunas e, quantas mais se arruinam, mais gente existe que queira arruinar-se, atirando-se á voragem. E' um verdadeiro delirio irremediavel. Foi o que succedeu no campo da politica com o Contracto Social de Rousseau. Perdem-se paizes, esgotam-se thesouros publicos com clientellas partidarias, constrange-se a alma historica das raças e, apesar d'isso, a Liberdade individual e o governo do povo pelo povo desnorteciam ainda a grande maioria das Nações. Custa a crer. E' no entanto exactissimo. Ninguem pode contestal-o. E não me affirme você, ou qualquer outro desaustinado liberalista, que adora a Liberdade e venera a Soberania Popular sem todavia concordar com as phantasias intrujices de Rousseau. As pessoas que assim pensam, commentava ha tempos um amigo meu, fazem-me lembrar certas donzellas em vesperas de serem mães e que, sem poderem negar este facto, garantissem todavia, de lagrimas nos olhos, a sua virgindade phisica e moral. A imagem é perfeita. Nunca pretenda semelhante absurdo, meu pobre amigo. Não convenceria ninguem de bom senso e todos trocariam da sua simplicidade. Adeus e até breve. Já agora tem de aturar-me, quer queira quer não queira.

Cordialissimamente,

ALBERTO MONSARAZ
CONDE DE MONSARAZ



Empire Day. A belleza e a bondade mudam as rosas em ouro...

“PÃO ALHEIO”

Livro de Luiz de Almeida Braga. Edição, França Amado, Coimbra

POR

ANTONIO SARDINHA

E tenho para com este bello livro, chegado agora no renovo de abril, um sentimento familiar. Mais que do seu auctor, ha no *Pão alheio* todo o drama d'uma sensibilidade que é a sensibilidade da minha geração. Nós viemos em linha recta da fraqueza generosa de Gonçalo Mendes Ramires. E se alguem, lá mais para deante, pensar em escrever a novella do nosso esforço, eu creio que lhe chamará com verdade *O filho de Ramires*.

Pois o *Pão alheio*, de Luiz de Almeida Braga, marca bem o parentesco que nos liga ao fidalgo perplexo do romance de Eça. No fundo da Torre, — da solarenga torre de Santa Ireneia, com as tardes lentas de junho subindo por entre o aroma dos cravos, Gonçalo Mendes Ramires sentia a miseria da sua vontade, comparada com a vontade poderosa de quantos varões illustres lhe bracejavam pela genealogia farta. A pouco e pouco, arrastando os episodios mesquinhos d'uma vida sem finalidade, elle descobria dentro de si a energia moral d'uma raça que adormecera. Debatia-se cruelmente no conflicto da sua intelligencia com a sua irresolução. Marchar mas para onde? E os dias passavam, passavam os annos. A reticencia continuava, cada vez mais aguda, cada vez mais perseguidora. No entanto, desde a hora em que Gonçalo Mendes Ramires se reconciliou consigo mesmo, nós sabemos de que foi capaz o fidalgo da Torre. Do que é capaz a minha geração, uma vez que se ache de accordo com as tendencias mais occultas da sua maneira de ser, já de certo modo nol-o deixa entrever o livro de Luiz de Almeida Braga.

O livro de Luiz de Almeida Braga revela-nos essa concordancia da acção com o pensamento, que o velho Taine julgava impossivel. E' a característica que mais o distingue e nobilita. Eu quero olhal-o como um itinerario de sentimento, — como uma especie de roteiro d'um outro René menino e moço, em quem a melancolia romantica cedesse o logar ao amor enlevado da disciplina. Nós não podemos curvar-nos á imperturbavel razão classica que tudo limita e tudo reduz á objectividade sem nome do traço firme e concreto. Não podemos ir tambem atraz do gosto morbido da contemplação pelos parques sonolentos do Outono, com os pavões aos gritos e as cascatas lastimando-se. Se ascendessemos os degraus da Acrópole, não ficaríamos, como Renan, ao flanco d'uma colina, entoando o louvor eterno de Pallas Athenea. Nem tão pouco nos quedaríamos perante as paisagens suspensas do entardecer, com a tristeza lirica do Lago envolvendo-nos n'um somnambulismo morno de emoções. Amamos a vida, por que a sentimos dentro de nós. Mas amamos a vida no equilibrio, na saude, na posse d'ella propria. Amamos a vida *vivendo-a*. E viver não é estilisa-la nem desperdica-la. E' referir-a a nós mesmos, é dar-lhe um sentido de actualidade e de permanencia. Não a collocamos nem no Passado nem na Imaginação, como a collocavam os avós litterarios de 1830. Ainda menos a passeamos pelos terrassos da Decadencia, sonhando em atmosferas de paradoxo e haschich uma belleza falsa de Paraiso artificial.

A vida para nós é uma *utilidade*. Mas confira-se á palavra *utilidade* um significado de nobreza. E' uma utilidade que não nos pertence e que é preciso servir. *Non serviam!* — foi o grito rebelado de quantos appareceram primeiro que nós. *Servir!* — é agora a ancia mais funda do nosso coração em que parece fructificar a semente d'um misticismo novo.

Surgimos no momento máximo d'uma crise já secular. E logo nos tocou o gosto admiravel da ordem, — como que um inesperado instincto de higiene interior e de arranjo social. Ia-se abaixo, n'um estridor de catastrophe, o patrimonio da nacionalidade. Dentro de nós resuscitou a psicologia ingenua de *Petit-chose*, jurando ao desalento da sua trapeira reconstituir o lar em ruinas. Foram diversas as jornadas que nos trouxeram a esta unidade de corpo e alma que é o segredo da nossa victoria. Uns pegaram em armas e andaram rilhando a coidea dura dos guerrilheiros pelas ribas ásperas do exilio. Outros padeceram a agonia da propria

mentira e só á custa de suores de sangue encontraram a sua estrada de Damasco. Hoje, recuperados da hesitação de Gonçalo Mendes Ramires, ha uma vontade em nós, porque em nós ha uma crença.

Não lhes dizia eu que tinha pelo livro de Luiz de Almeida Braga um enternecimento familiar? Posso eu lá falar do *Pão alheio* sem falar de nós todos? E' que no *Pão alheio* agita-se aquella inquietação de espirito em que todos nós reconhecemos a força mysteriosa do mesmo destino que um dia nos fadou para irmãos. Ha assim em nós o que não havia nos outros: — a consciencia d'uma vocação a cumprir. Eis porque me é agradável suppôr que a novella da minha geração se chamará ainda *O filho de Ramires*.

No regresso de Africa Gonçalo Mendes Ramires casaria. Casaria com a Rosinha da



quinta das Varandas, — com a fieta do visconde de Rio Manso... Salvo das intrigas mudas do partidarismo que o levára á scena vergonhosa de Oliveira, reconciliando-se em publico e razo com a bigodeira insolente de André Cavalleiro, o descendente de tantos Ramires illustres appella para a acção, para a cultura do caracter, como para um segundo baptismo. Torna outro da sua concessão em Moçambique. Torna mais homem, menos indeciso. E, cahido na doçura do bom solar provinciano, de Gonçalo Mendes Ramires nasceria mais um Ramires, em quem me propuz personificar as varias tendencias da minha geração.

O moço Ramires traria no sangue a interrogação dolorosa do pae. Marchar, mas para onde? E no acaso dos tempos que correm, cada vez se cavaria mais n'elle essa lucta inapaziguavel. As vozes secretas da sua hereditariedade eram de difficil conciliação com a soberania das ideias em voga. Instantes ha em que o moço Ramires, reflectindo a anarchia intellectual do seu meio, não recua em ir pedir á mística revolucionaria uma solução para as duvidas crescentes que o assediam. Ramires verifica em si uma contradicção profundissima: — a contradicção do seu feito mais intimo, mais incommunicavel, com as mais obedecidas das suas preferencias. Não se harmoniza consigo mesmo. Tudo se desfaz á roda d'elle e debalde se procura enganar com o negativismo das modas philosophicas correntes.

Porém, Ramires reage sempre. Domina-o uma grande sede de absoluto, — uma necessidade salutar de construcção. Construir! Mas como e com quê? Não se alia até aos alicerces a sociedade tradicional? A ordem dos seculos futuros não se annunciava já, como na imagem evangelica, entre trevas insondaveis e ranger de dentes? E diante do moço Ramires o enigma doloroso engrossava desmesuradamente, n'um desespero em que nada já cabia senão o desalento d'aquelles que por si proprios se demittem do mundo.

Um equívoco terrivel perdia o nosso Ramires. Nas veias o sangue falava-lhe, — e falava-lhe das regras eternas do Tempo e da Vida. Faltava-lhe, todavia, o reconhecimentto intellectual d'essa verdade subconsciente que lhe dava ás vezes alvoroços estranhos. O minuto veiu em que os males da Patria se declararam irremediaveis quasi como que tocado por uma inspiração subita, Ramires vê, Ramires *comprehende*. Havia n'elle o impulso ancestral da Acção. O pensamento guiador é que o desertava. Não tardaria agora, no rumor da desgraça publica, que pensamento e acção se conjugassem na grandeza d'uma doutrina reparadora. E aos poucos, pelo preço de provações durissimas, como semelhantes as não padeceram nunca nenhuns vint'annos mais, Ramires possue-se, — possue-se emfim na *verdade portugueza*, que é a sua verdade, — a verdade da sua carne e a verdade do seu espirito.

Ramires esteve em Chaves. Esteve em Chaves debaixo do sol implacavel de julho junto a esse escarpado espaldão em que os rapazes da nossa terra retomaram o caminho esquecido do sacrificio e do heroismo. Na derrota que o poz entre a vida e a morte pelas veredas erradias de Trazos-Montes, atravez da noite funda, mais funda a fé se lhe amostrou. E' que Ramires já não duvidava de si mesmo, porque os seus dias se tinham enchido do significado real d'uma finalidade. E' a finalidade de Ramires vencido o laço inquebrantavel que nos prende uns aos outros, como se nos ajuramentassemos sobre a hostia e sobre o calix. E' a finalidade de Ramires vencido que ha-de levar á victoria a geração de Ramires. Descemos cedo ao campo da lucta. Mas se uma experiencia longa não nos amadureceu, mais do que isso, amadurecemos a responsabilidade indeclinavel que peza em nós. Se o prefacio celebre de Bourget no *Disciple* nos fosse dirigido, nós teriamos respondido nobremente ao appello d'esse nosso irmão mais velho.

Luiz de Almeida Braga é a illustração bem viva do que affirmo. Dos acasos perigosos de guerrilheiroolveu-se em andador das estradas infinitas. Conheceu precocemente a magua garretteana da saudade. E aonde foi elle dar consigo, para melhor aprender a ser elle proprio, senão á boa terra da Flandres, d'algum modo terra portugueza?! Não se esqueceu por lá o garboso lusiada da lareira abandonada, dos horizontes nataes, da torre da sua igreja. E eu não sei de simbolo mais alto e mais commovedor de que esse outro deixado pelo traço sobrio de Brito e Silva nas capas do *Pão alheio*. A riba estrangeira desenha-se ao fundo em aguas quietas de canal e com moinhos bracejando. Mas enquadra-a um portico manuelino, encimado da Cruz e da Armila, que são o «Peló signal» da nossa Raça. Tambem atravez da sua sensibilidade de portuguez, pelo signal da nossa Raça, Luiz de Almeida Braga viajou na Flandres, não para ver, mas para sentir, — não para observar, mas para evocar. Comtudo, não se desgarron nas emboscadas tortuosas do impressionismo. Peregrino do silencio, Luiz de Almeida Braga viveu o seu livro com a sua alma e o seu sangue, — porque a vida vive-se, não se phantasia. Posto a correr as sete-partidas do infante D. Pedro, tocaram-n'o mais as necropoles caladas do que a kermesse ondulante dos povos. Comeu o pão alheio, calcando o pó, de rins cingidos e viatico pendente. Educou assim a sua emoção, ao contacto de gentes que tinham outros mortos e outra paisagem. *Educação sentimental*, — podia ser o segundo titulo do livro de Almeida Braga, ou o seu commentario breve n'um breve dizer. Não a *Educação sentimental* de mestre Flaubert, cerrado na sua litteratura inteiriça para a interven-

ção de todo o elemento subjectivo. Mas educação sentimental—pedagógica da personalidade,—a educação que Barrés foi aprender na colina inspirada, conciliando a regra com a exaltação, o entusiasmo com a serenidade, a pedra fixa da ermida com a renovação incessante da campina.

Luiz de Almeida Braga, mais attento, porém, aos sacramentos da tradição, desprezou os cancelos do jardim de Epicuro e teve um ar de desinteresse para o satanismo fóra da moda de Beaudelaire. O moço de olhos doces que vira na veiga de Chaves crucificarem-se em ardor e renuncia outros moços como elle, não ignora que a vida, quando é acção, repousa sobre uma base de inconsciência, cuja espontaneidade será morta desde que a analyse entre comosco. O heroe não é o bom senso,—o heroe é sempre o impulso. Por isso Almeida Braga confessa na fórmula lapidada d'uma inscrição: —«Que importa não comprehender quando se sente? Sentir é melhor que comprehender, assim como vale mais adivinhar do que saber. A sabedoria mora vizinha do somno. Adivinhar é ter os olhos abertos, postos no ceu, entre a luz e as azas. Mais facilmente esquece o coração do que os olhos. Mas eu procuro que a intelligencia vá parreira com o amor, porque sinto como é fria a arte onde não ha coração.»

Eis uma theoria de arte que é também uma theoria de vida. Luiz de Almeida Braga escreve como um místico viveria. E' que existe n'elle, em verdade, essa união perfeita do pensamento com a acção, sem a qual se cahe, ou na secura da analyse, de que morreu um Amiel ou n'um mostruário hirto de antologia, em que o folego fallece e o artificio predomina. Graças a Deus, nós somos outros, bem outros, nas nossas tendencias mais queridas! Não vamos direitos á imaginação, mas vamos direitos á alma. Tal é a differença que nos distingue dos românticos. Para nós a realidade é sempre a expressão d'um estado intimo. Aqui está o motivo porque nos encontramos bem longe da chamado realismo. Damos largas aos appellos profundos da nossa individualidade. Não concluímos, porém, n'uma fórmula abstracta de ideologia, porque nos coordena e determina a acceitação dos nossos limites. Obedecemos aos impulsos do nosso ser sensível, porém, um assentimento voluntario nos integra na sequencia dinamica da nossa formação hereditaria. Somos, portanto, tradicionalistas. Mas a tradição não é para nós um ponto imovel no passado. E' antes uma continuidade interminavel. Reveste-se d'este modo d'um sentido de actualidade para nós, que dentro de nós a vivemos e a experimentamos como coisa nossa, feita da nossa realidade quotidiana.

Não pretendem as minhas palavras servir de annunciação ao *Pão alheio*. O que eu desejo é destacar no *Pão alheio* o seu significado profundo de obra de arte. Creio exprimi-lo succintamente chamando a esse bello livro um admiravel compendio de exercicios espirituales. Luiz de Almeida Braga ensina o Sublime a um tempo sáfaro que perdeu de todo a noção dos grandes arrebatamentos, e o que ainda mais me sensibiliza, sempre que lhe repasso as paginas estranhas de bruxo baptizado, é a unidade serena de aspiração, em que nós reconhecemos, não uma estreita e caprichosa aspiração individual, mas a aspiração que nos enche as arterias e empresta ao nosso voluntariado de sacrificados o senso superior d'um destino que foi o que faltou a nossos paes. Luiz de Almeida Braga é na cavallaria da Grey um dos melhores e dos mais esforçados. Ergamol-o nos escudos, á maneira antiga, como seus paes que somos! De esplendido sangue litterario, saboreia-se na sua prosa sem ossos, tão afayel como um fio de agua correndo, um não sei que que nos recorda Seiscentos com Manuel e Bernardes contando-nos a lenda dos bailarins, e D. Francisco Manuel de Mello, que também andou lá pela Flandres, fazendo philosophia elegante nos *Apólogos dialogaes*. Eu supponho até que a *Carta de guia de casados* de minha geração está guardada para a penna de Luiz de Almeida Braga. E' um pensamento que não me abandono e que eu sinto recreio em cultivar.

João de Barros,—o das *Décadas*, chamou ao Minho o «conservador da semente portugueza». E', de facto, o Minho a lareira esquecida da Nacionalidade. E' lá que se pôde rezar a oração da Raça, inclinado o peregrino sobre a colina veneranda de Briteiros. Foi lá que a Saudade floresceu nos canções primitivos e os barões de D. Tareja lá batalharam as batalhas da separação. Junto do Lima, no feitiço langue das aguas verdes e das verduras liquidas, collocavam os da antiguidade o fabuloso Tethis. Temeram por isso atravessar o rio as legiões impetuosas de Roma. São os Logares Santos de Portugal os sitios religiosissimos do Minho. A' sombra da azinheira tradicional lá se levraram os primeiros contractos da gente miuda das behetrias com a pessoa esplendorosa de Affonso Henriques. Mais abaixo era Santa Maria de Vendoma, a cavalleiro do burgo que poria o nome ao condado nascente. Mumadosa, S. Geraldo,

Egas Moniz, Violante,—a de corpo de ouro! E a «semente portugueza» agita-se na nossa evocação, sahida, como que por milagre estranho, da poeira anonyma dos tumulos.

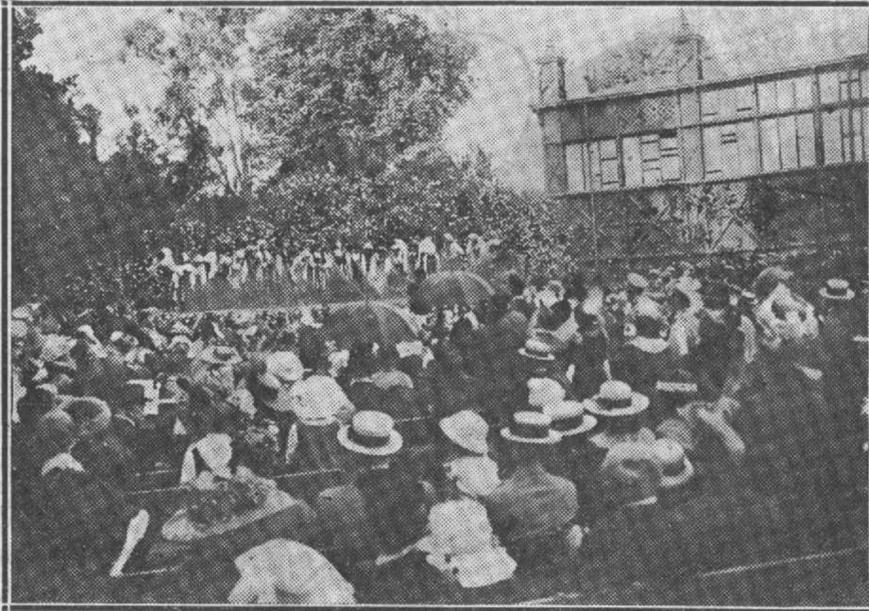
E' minhoto, até ás raizes mais mergulhadas do seu ser, o auctor bemfado do *Pão alheio*. A semente portugueza renasce n'elle apontando-lhe um dever de estirpe. Luiz de Almeida Braga não se pertence. Pertence ao mundo inquieto que lhe povôa o atavismo. Tem que lhe servir de bocca, tem que lhe dizer os gritos proféticos. No exilio, passeando a soledade de *Bruges-la-morte*, Luiz de Almeida Braga sentiu-se bem, lá longe, o «conservador da semente portugueza». E' já agora o alto sonho que o enleva. Novos livros virão contar-nos que emprego nobilissimo é o d'este rapaz, que teve já armas para se bater pela Patria cahida, e a quem a arte difficil de escrever distingue com os

seus segredos mais arrecadados. Nas nossas pobres lettras Luiz de Almeida Braga descende da linhagem de Vasco de Lobeira, de Bernardim Ribeiro e de Francisco de Moraes Palmeirim. Nós, em Portugal, não nascemos para o romance, por que nos falta natureza complicada para as grandes dissecações. E' a novella por isso mesmo um genero litterario quasi criado por nós. Luiz de Almeida Braga não será nunca um romancista pelos poderosos recursos de affectividade de que dispõe. Será, porém, um novelista,—talvez o novelista porque esperamos para que se aleve com honra a herança abandonada de Camillo. Faço esse acto de fé no futuro, de olhos postos no *Pão alheio*.

Maio, 1916.

ANTONIO SARDINHA.

FESTA DA CRUZ VERMELHA



Empire Day no Jardim Zoologico: Um aspecto da assistencia, durante a audição do Auto do Fim do Dia do grande poeta Correia d'Oliveira, feita pelos alumnos da Escola d'Arte de Representar

Para o futuro...

Como arborisar as nossas montanhas?

As nossas florestas da serra, etc.

PLANTAR a montanha portugueza, fazendo assim brotar a vida da terra julgada maldita, porque jámais floriu em ramo e em fructo — eis um sonho antigo que é de todos nós, e que, pelo visto, é mais facil de sonhar que — de realisar...

O que são algumas das nossas serras? O deserto, a aridez, a solidão; ali não souo jámais a canção de esperança do semeio, nem a cantiga apothetica das colheitas.

São a serrania escavada, não pulsa n'ellas o coração forte das raizes, nem as ensombria o verde eterno das vegetações.

E' paisagem apra foragidos, que não para os que buscam ansiosamente, na natureza, a seiva latejante dos troncos.

Oh! Ah!, escusa o peregrino de procurar um pouco de sombra, porque andar á caminho todo, sem que um ramo venha, do alto, estender-lhe a fresquidão d'algumas folhas, sob as quaes é doce descançar da violencia da jornada... A vida, n'esses sitios, parou a meio da encosta, e o semeiador, sem coragem para se guindar lá acima, deixou a montanha aos lobos que á noite uivam, famintos, no silencio granitico das penedias...

— E, no emtanto — diz-me o sr. Sousa da Camara — ha duas dezias de annos que a situação era ainda peor...

Sousa da Camara é um illustre agronomo, professor do Instituto Superior de Agronomia. Foi deputado ás constituintes, e, eleito senador, conseguiu, na camara alta, li-

gar o seu nome a alguns projectos com que beneficiou a nossa lavoura.

Recebe-me no seu gabinete do Instituto, um recinto pequenino, fresco, simples, sem tapeçarias, e onde vou encontrar-o examinando umas raizes de oliveira, que de fóra alguém lhe mandou n'uma consulta.

— Pois, sobre arborisações — diz o sr. Sousa da Camara — já estivemos peor...

E arrumando o apparelho de exame, que tem na frente, ainda um pouco no ar: — Mas ainda não estamos bem...

O sr. Sousa da Camara é pessoa de feitiço simples, que eu acho dizer bem n'um homem que tem por profissão mexer em raizes, estudar plantas, seguir o curso das lavouras. Fala com singeleza e claresa, e é assim, em linguagem facil, sem pose, sem phrases, que elle põe a importante questão:

— Ha alguns annos para cá, o desenvolvimento florestal tornou-se uma coisa visível. E' ver, por exemplo, a serra da Estrela, onde n'esta altura, mesmo se planta com certo afan. O mesmo se dá na serra do Gerze, que já apresenta grandes extensões de plantio. Se fizermos a proporção do tamanho, chegaremos sem dúvida á conclusão de que Portugal não é dos paizes menos arborisados...

Estas palavras constituíam, sem dúvida, como o prologo de palestra maior. Mas eu quiz, logo de principio, desfazer uma duvida pessoal, e referir as queixas de varios marceneiros, que affirmavam, em justificação da careza do nosso mobiliario, que o paiz não tinha madeiras...

— Perfeitamente — diz então o sr. Sousa da Camara. Por isso é bom, desde já, definir que, quando fallo em desenvolvimento flo-

restal, não me refiro a madeiras da industria marceneira, porque essas, realmente, não as possuímos. Verdaderamente abundante é o pinheiro, e pode-se dizer que é abundante, mesmo sem invocar as grandes mattas do Estado. E' do pinheiro que, como se sabe, se alimenta a industria dos caixotes...

«Temos, além do pinheiro, o carvalho, o castanheiro, o freixo, o sobre, o azinho... Enfim, a receita que nos dá a terra, em madeira, é já grande; mas pode-se lá calcular o que ella nos podia dar mais... Imagine o que seria uma floresta que tomasse todo o macisso da serra da Estrela... Seriam leguas e leguas de arvotres e de folhas, milhões de troncos florindo... em dinheiro... Era a fortuna representada assim: em ramos!»

No entusiasmo do sr. Sousa da Camara ha o amor do patriota e ha a paixão do profissional. Vê-se que é um agronomo que se interessa pelos coisas da agronomia, e eu evoco, ouvindo-o, os agronomos italianos, da geração passada, que á força de uma vontade quasi sobrehumana, conseguiram fazer das penedias lugubres da Lombardia, um dos maiores celeiros do mundo.

Elles iam para os campos, e, de enxada na mão, diante dos camponios attonitos, faziam que as pedras florisssem em trigo, como se as pedras tivessem occulta a raiz do pão...

Elle sorri, e, modestamente, diz: — O meu lugar prende-me aqui... Quasi não saio para o campo...

Achei que era occasião de fazer uma pergunta que levava de remissa. Quaes eram os terrenos portuguezes que melhormente se prestavam ao plantio de arvores?

— Quasi não ha lugar que não se preste a isso admiravelmente. A plantação do pinheiro, por exemplo, poderia fazer-se em toda a extensão da nossa costa. Como se sabe é principalmente no littoral que se lança a raiz dos pinheiros, porque, sendo a unica arvore que medra nas areias, ella tem a vantagem de solidificar a duna.

«Quanto ao mais, desde o Minho até ao Algarve, repito, Portugal poderia, e deveria ser uma immensa floresta. Mas que quer? As coisas da lavoura, na nossa terra, correm assim... Veja o que acontece com os cereaes, por exemplo...

E o sr. Sousa da Camara volta-se na sua cadeira, com vivesa, repete: — Sim, com os cereaes...

Era um incidente na sua exposição, mas que não deixaria de interessar á *Ideia Nacional*. Não é verdade que, n'este momento de crise europeia, não ha assumpto agricola que não tenha para nós, portuguezes, um interesse especial?

— Pois, com os cereaes, e nomeadamente com o trigo, succedia que nós os produziamos na abundancia necessaria ao nosso consumo. Certas leis recentes, e, ainda, um pouco, a contribuição predial progressiva, conseguiram diminuir a tal ponto o cultivo das searas, que este anno o nosso trigo, não chegará, talvez, para uns quatro mezes... E não é lamentavel que tenhamos de importar, n'uma occasião difficil como esta, aquillo que, sem nenhum esforço, poderiamos perfeitamente produzir em terra nossa?

A palestra ia já longa, para se conter n'um simples artigo do revista. O sr. Sousa da Camara assim o comprehendeu, e, como homem pratico, e como pessoa que tem que fazer, propoz-se resumir ideias, fazendo-o d'este modo:

—Fica então assente que as nossas serras, a caminho d'uma arborisação mais completa, constituirão um bello rendimento, tanto para o Estado, como para particulares. N'ellas encontraremos, em abundancia, material para a industria de caixotes, os toros para as linhas ferreas, lenha para queimar, etc.

«Quanto a madeiras usadas na industria da marcenaria, nós podemos com facilidade, obtel-as na India, que é um manancial de madeiras preciosas. Ali se dá o pau santo, o mogno, o acaju, etc. A India ingleza tem verdadeiras florestas onde os seus marceneiros, e os marceneiros de todo o mundo, vão surtir-se á larga. A parte da India que nos pertence é tão fertil como a India ingleza. Que dêem por lá um passeio os semeadores, e a metropole terá, dentro de poucos annos, uma nova e importante fonte de riqueza...

O sr. Sousa da Camara disse mais, e mais; e n'essas palavras com que finda a sua exposição, eu vejo a esperança d'um Portugal feliz, rico, prospero, onde todo um povo, já sem desuniões, trabalhe e cante, em socego, em paz, sem a qual não haverá a abundancia que na meza do rico se chama riqueza, e na meza do pobre se chama a certeza do pão de cada dia...

Mas quem realisará esse milagre de resurreição?

PAGINA DA MULHER

(Croquis da semana)



CHRONICA DA MODA

O véu

As mulheres que vivem um pouco fóra do meio em que as modas nascem e morrem tão rapidamente, admiram-se, e muitas vezes com razão, da originalidade de certos vestidos e da phantasia de alguns detalhes da toilette.

Aquellas que, atravez de tudo, se empenham em andar á moda, posto que retiradas na vida do campo ou em alguma cidadesi-nha da provincia, são numerosas.

E é com a maior curiosidade que questionam as chronistas da moda sobre os mil na-das que devem ser os signaes distinctivos da mulher chic e bem vestida.

Devo em primeiro logar tranquillizar as que se inquietam e tem receio de não estar no rigor da moda. Não se é elegante por en-vergar a ultima criação de tal ou tal casa de nomeada, ou então todas as mulheres que se vestissem da casa X ou Z ficariam bem pos-tas, o que, infelizmente se não dá. Porque haverá mulheres que estão sempre fóra da moda mesmo quando vestem as ultimas *créations*, e outras se encontram sempre extremamente chics ainda quando ostentam vestidos antiquados? Vale muito menos o detalhe que o conjuncto, que dá realmente a impressão da elegancia, e a verdadeira elegancia é muito difficil de adquirir quando as condições naturaes não contribuem para ella!...

E agora respondendo áquellas que deseja-rem saber se ha uma nova fórmula de pôr o véu: não ha uma, mas dez, e entre estas vêem-se as mais ousadas phantasias. Mas não julguem que já não ha mulheres que ponham o véu como se punha, e a que se pode chamar a fórmula classica. Constituem verdadeiras legiões as que o collocam a liso sobre o rosto, dispondo os arabescos do véu de maneira a fazer valer as linhas de uma bocca bonita, ou a avivar o brilho do olhar. A fórmula classica exige que o véu seja muito comprido para os chapéus grandes, e me-diano para os pequenos; bem apertado na nuca e seguro com um travessão de bijoute-ria, ou apenas com ganchos invisiveis, de-ve haver ao atal-o o maior cuidado por for-ma a que não faça sobre o rosto pregas des-graciosas. Para mostrar esta maneira de pôr o véu não se tornam necessarios cro-quis, e apenas darei alguns que indiquem ás mais amadoras de novidade outras fór-mas mais originaes de o pôr.

Da esquerda para a direita vê-se primei-ramente um véu de renda ou tule com ra-magens, de malhas quadradas ou hexago-naes. E' mais ou menos fluctuante, e não passa da altura do nariz. Quem lhe deu o nome de véu «five ó clock» porque sem o ti-rar se podem tasquinhar bonbons e beber-ricar goloseimas, ninguém sabe. Sobre a al-ta *toque* que se lhe segue está lançado um grande véu quadrado de tule borbado, tendo em volta uma fitinha de velludo do mesmo tom; este véu cobre inteiramente o chapéu, e converte-se em uma fórmula graciosa de guarnecer essas *toques* desprovidas de en-feites que fazem a moda de hoje. Sobre o terceiro chapéu vê-se a longa écharpe de tu-le de ramagens que pode ser mais ou me-nos comprida. Mas este genero de véus sen-do sempre enquadrados, isto é, com um de-senho que lhes fórmula cercadura, tornando assim as bordas mais tapadas de que o cen-tro, são de um determinado tamanho, e

não conforme o gosto de cada um, como succede nos véus comprados a metro. Este é rematado por um *picot* que podia muito bem applicar-se a outro genero de tule sem cercadura.

O chapéu da direita completa-se por um véu de renda com arabescos, que assombrea favoravelmente a cara. E' o véu tapado que serve para os dias em que o cansaço abata a physionomia, ou para viagem. O grande laço atraz alonga o perfil e transforma por completo a linha do chapéu. Vi, e apenas o cito a titulo de curiosidade, alguém que teve a phantasia de pôr o véu por fórmula a deixar a descoberto toda a cara, e fazendo lembrar o folho de renda das mascarilhas de outras eras. Será talvez muito «venezia-no» mas não deixa de ser bastante carna-lesco com as *toilettes* de hoje.

Para concluir falarei do croquis que se vê no fim da pagina: nada mais apropriado para acompanhar uma *toilette* de verão do que esse véu redondo que se pode substi-tuir por um «dessus» de sombrinha antiga, em chantilly, e que tão graciosamente vem fluctuar em torno do chapéu.

Em geral pode dizer-se que o véu flu-tuante está muito em moda. Muito pratico para o verão, não faz calor, e permite que se possa pôr uma nuvem de pó de arroz sem que se dê por tal. Mas as mulheres que gos-tam do estylo simples, que não é despido de elegancia, ficam fieis ao véu pregado, de aspecto firme e um pouco classico.

GRISELIDIS

HYGIENE DA BELLEZA

O pé

Nenhum povo do mundo tem, como o chi-nez a loucura dos pés pequenos. Essa lou-cura que vae até ao ponto de deformal-os, apertando-os desde a mais tenra idade, a fim de lhes impedir o desenvolvimento, é para elles uma fonte de delicias! «Oh! um pé pequenino! exclamava um filho do Ce-leste Imperio, digo, da Celeste Republica, Vocês, os homens da Europa, não podem imaginar quanto um pesinho de mulher en-cerra de esquisito, de delicioso, de excitan-te!»

Ha quem pretenda que os chinezes chris-tãos se accusam na confissão de peccarem por pensamentos ao contemplar o pequeni-no pé de uma mulher.

Nas ruas o chinez detem-se para olhar um pé, e não deixa de dirigir mil galanteios em *ki* e em *shung* á sua gentil possuidora.

Quanto á deformação dos pés adoptada pelos filhos do sol, ha quem lhe dê uma significação muito menos poetica: diz-se que esse habito tem por fim, não deliciar nas ruas os galanteadores de rabicho, mas impedir as chinezas de correrem aos diver-timentos, aos prazeres prohibidos, e de as-surar a tranquillidade dos maridos ciu-mentos...

Nada mais variavel do que o sentimento humano perante a esthetica da mulher. Es-tou convencido de que os contemporaneos de Carlos Magno apreciavam um pé monu-mental! Nas estatuas antigas que os roma-nos, os gregos e os orientaes nos legaram, vê-se que nenhum meio era empregado para impedir ou modificar o natural desenvolvi-mento do pé, e quer-me parecer que só os tempos modernos nos trouxeram o culto dos pés pequenos.

Os artistas da idade mé-dia, os pintores primitivos, deixavam, quando muito, apenas aperceber a ponta do pé sob a tunica das suas madonas.

Existem nos nossos dias admiradores mais subtis, e assim um bonito pé, quer dizer um pé fino, curto, posto que bem desenvolvi-do, nervoso, arqueado, e delicadamente, fragilmente ligado ao começo da perna, tornou-se um attributo in-dispensavel a uma bonita mulher.

O pé, naturalmente bo-nito, é raro. Lindo nas creanças, delicioso de côr e de fórmula, perde quando não haja cuidado, a sua graciosidade. As caminha-das e as longas permanen-cias de pé são o seu prin-cipal inimigo. O calçado de hoje esforça-se até certo ponto em remediar o mal, dando á fórmula um feitiço mais racional, bastante conchegado para assegurar a firmeza do andar, e bas-tante flexivel para ceder a todos os movimentos a que elle obriga.

Para conservar um bo-nito pé deve-se pois esco-lher judiciosamente o cal-



A FILHA DE MESTRE FERNÃO

(Novella historica)

POR

MARIA PAULA DE AZEVEDO

CAPITULO III

BRIANDA

Apenas chegou á velha casa de seus padrinhos, Brianda, costumada a ir ali desde pequenina, encaminhou-se ligeira para os quartos de Ignez.

A amizade que unia as duas raparigas era infinita. Da parte d'Ignez essa amizade era protectora como a de uma irmã mais velha e mais sensata; Brianda, porém, adorava-a com uma verdadeira paixão, capaz de ir até ao sacrificio.

Não era Ignez quasi a sua irmã de leite, visto que fôra creada pela sua propria mãe? Brianda nascera dois annos depois, é verdade; contudo a mesma ama as creára e esse facto ligava-as mais ainda.

—Então sempre vieste hoje, Brisinha? — perguntou Ignez, loira e linda nas suas vestes simples da manhã, beijando a rapariga com affecto.

—Foi o meu pae que assim o ordenou, senhora D. Ignez—respondeu Brianda com um gesto de annuo.

—Não tem nada, filha; sabes o melhor? E' vires hoje e amanhã.

—Que bom! A minha madrinha não se enfadará?

—Vamos já pedir-lhe, Bri!—e as duas correram ligeiras até aos aposentos de D. Filippa.

—A sua benção, minha madrinha—disse Brianda, beijando respeitosamente a mão de D. Filippa.

—Deus seja contigo, pequena. Lá tens na rouparia a tua costura, entregue á Vicencia; vê se trabalhas bem e aproveitas o tempo.

—Minha mãe—acudiu Ignez—dá licença que Brianda venha para cá amanhã? Queria pedir-vos isso com empenho, minha mãezinha.

—E qual é a vossa ideia?—perguntou a mãe, sorrindo indulgente para ambas.

—Eu vos explico—respondeu Ignez.—Amanhã, minha mãe, é o dia em que Brites Maria cá vem; e como vós a convidastes a passar a tarde toda connosco...

—Queriam juntar-se as tres amigas, não?

—interrompeu D. Filippa, olhando para Brianda.

—Sim, minha madrinha, se Vossa Senhoria assim o entender—disse Brianda modestamente.

—Está bem, meninas; seja como vós o desejaes. E agora ide aos vossos trabalhos, filhas, ide, e deixae-me escrever umas cartas importantes.

Seguiram as duas para a rouparia, alegres e despreoccupadas.

Ahi se sentaram ambas; Ignez n'uma alta cadeira de couro, Brianda n'um banquinho baixo, junto á janella.

Ignez fazia confidencias, falava do seu noivo, tão nobre e valoroso; Brianda escutava com attenção e interesse, e o seu coração, impetuoso, abria-se já á amizade pelo noivo da sua amiga.

Era quasi noite, e tinham todos já mērendado, quando D. Alvaro entrou precipitadamente no quarto d'Ignez.

—Ignez, minha filha, onde estás?

—A senhora D. Ignez está bordando na rouparia—informou a aia.

—Ide chamal-a, Maria Joanna, dizei-lhe que a espero aqui.

Ignez correu ligeira ao encontro de seu pae, mas vendo o seu semblante triste e grave, parou a meio do quarto.

—Que ha, meu pae?—articulou ella baixinho.

—Ha, minha filha, coisas da maior gravidade. Teu irmão e teu noivo chegam dentro de uma hora; e dentro de uma hora teu noivo correrá perigo de vida. E' mister que umas linhas tuas o impeçam d'ir aonde elle vae...

—Que dizeis?! José! Duarte!—exclamou Ignez afflicta e chorosa.

—Não percas tempo, Ignez; se escreves, uma linha que seja, impedit-o-has talvez...

—Escrevo, escrevo já...

Recuperára o sangue frio e preparava-se para escrever, quando D. Alvaro lhe perguntou docemente, com melancholia:

—Amal-o muito, minha filha?

Ignez não ponde responder; olhou para seu pae e os olhos encheram-se-lhe de lagrimas.

—Que devo escrever?—perguntou ella.

—Pouco, minha filha, apenas uma linha que o desvie do caminho que leva.

—E tendes a certeza de que não vos informaram mal, e de que José corre perigo?

—Ignez, affirmo-te que o teu noivo corre perigo de morte n'este momento.

—E que o meu bilhete o salvará?

—O futuro a Deus pertence, minha filha.

—Poderia eu pedir-lhe que viesse aqui falar-me?

—Podes.

—E quem levará este bilhete? Onde terá o portador d'encontrar José?

—E' mister que tudo seja feito sem barulho, quasi em segredo. Dize-me, filha, Brianda está cá em casa?

—Sim, meu pae.

—Ella levará o teu bilhete.

—Brianda?!

—Não confias tu n'ella?

—Como n'uma irmã! Vêde, meu pae, o que eu escrevo: «José, correis perigo, vinde já falar-me»; está bem?

—Muito bem. Agora chama Brianda, para que eu lhe explique como terá de proceder.

Quando soube a importancia da sua missão, Brianda sentiu-se contente; que felicidade, poder dedicar-se á sua Ignez adorada!

—Ouve, Brianda—disse D. Alvaro gravemente—é mister que ninguem te siga, que ninguem te veja, que ninguem te oiça.

—Sim, meu padrinho.

—Terás d'entrar sem ninguem dar por ti no pateo da casa que eu te von dizer.—E D. Alvaro segredou-lhe um nome.

—Depois, meu padrinho?

—Sentas-te no degrau da porta d'entrada; e de cada vez que passar um homem embuçado, tu perguntas baixinho: «Sois vós D. José de Abreu?»

—E quando fór elle?

—Entregas-lhe a carta que levas.

—E depois?

—Ella conduzi-o-ha aqui, meu pae?—interrompeu Ignez ansiosa.

—Não. Elle seguirá Brianda para casa de mestre Fernão Henriques.

—Mas eu escrevi-lhe que viesse falar-me! Tel-o-hei pois enganado?!

—Vosso pae sabe o que faz, Ignez. Brianda, ide com Deus.

Ignez curvou a cabeça e Brianda, embrulhando-se n'um mantéo preto, sahio.

Sua mãe, vindo habitualmente buscal-a á noitinha, extranhará por certo se a não encontrasse; mas uma ordem de seu padrinho não se discutia.

Demais, visto que era para casa de seus paes que conduziria o noivo de Ignez, é porque elles saberiam d'isso. Seguiu pois ligeira pelas ruas tenebrosas da Lisboa d'esse tempo.

Não tinha medo.

Desde muito creança que conhecia aquellas viellas escuras e tortuosas; cada nicho de santo, com sua lampada acesa, cada imagem d'azulejo, incrustada nas velhas paredes, lhe eram familiares.

Tinha maior devoção por umas do que por outras; e quando passava, ora se benzia simplesmente, se era imagem menos querida, ora se ajoelhava, murmurando compridas orações.

Ao virar a esquina da Rua do Pocinho, parou um momento; e deante d'um azulejo que representava S. José, e que mais adivinhava do que via, rezou baixinho depois de se benzer:

Oração de S. José e mais da Virgem Maria: Tanto caminhaes de noite como caminhaes de dia.

S. José foi buscar lume
N'esta terra não havia;
Foi ás ruas de Belem
Toda a gente inda dormia;
Encontrou o Padre Santo
Dizendo a Avé Maria.
Padre Santo perguntou:
«Como ficou por lá Maria?»
«Maria ficou bem»,
«Em calix d'ouro mettida».
«O sangue d'Ella corre»
«Para o calix consagrado»
«Todo o homem que o beber»
«Será bemaventurado»
«No mundo será rei»;
«No céu s'rá c'roador».

Benzeu-se novamente, e, apressada, seguiu o seu caminho.

(Continúa)

gado. Deconfiemos da fôrma symetrica, que aberta o pé n'um espaço demasiadamente estreito, sem olhar as dimensões respectivas dos artelhos, e que faz parar mais ou menos a circulação.

E, pondo de lado a questão do sapateiro, observemos alguns cuidados de toilette que fazem parte, por assim dizer, do código de uma bonita mulher. Esses cuidados, indispensaveis de manhã e á noite, são a garantia da brancura do pé e da harmonia das suas linhas.

De manhã, depois de uma ablução de agua morna e sabonete, deverá proceder-se a um exame minucioso do pé. Depois de ter passado o calcanhar com um pedaço de algodão embebido em oleo de amendoas doces, a fim de não deixar engrossar a pelle, faz-se o mesmo com alcool por entre os dedos. Em seguida pulvilha-se com pó de talco.

A' noite, ao deitar, procede-se á nova ablução e a uma immersão em agua quente alcoolizada. Estes banhos repousam os pés da fadiga do dia, restituindo-lhes a flexibilidade e a liberdade de movimento. Além d'isso teem por fim desembaraçal-os do pó e de todas as impurezas, o que é sempre commendavel.

E' de toda a convenienciã não pôr nunca o pé descalço no chão, nem usar pantufas sem salto. O frio nos pés é sempre prejudicial. Natural ou artificialmente, devem sempre conservar-se em uma temperatura mediana e secca.

Os cuidados das unhas dos pés são os mesmos que já precedentemente indiquei para as das mãos. Mais frageis ainda do que estas, recentem-se da pressão constante exercida sobre ellas pelo calçado. E' em resultado de essa pressão que se torna indispensavel submettel-as regularmente a um corte racional, não arredondadas ou em bico, como as das mãos, mas a direito. E' conveniente não as cortar muito curtas, pois que assim mais facilmente se podem enervar, e passal-as sempre com a lima depois de cortadas.

De todos os males que podem atacar o

pé, o callo vem em primeiro logar. Não ha ninguem bem disposto, nem felicidade compativel com uma dôr de callo! Foi-se o bom humor, e por melhor que se esteja só um pensamento domina: libertar o pé de essa verdadeira tortura!

Não aconselho ninguem a que se metta a cortar os callos. Só um pedicuro o fará convenientemente e sem perigo. O mais que cada um pode fazer é applicar qualquer remedio contra elles, deopis de ter emergido os pés em agua quente durante um certo tempo.

Entre os preparados, cuja efficacia é reconhecida, recommendamos os seguintes:

Primeiro:

Acido salicilico.....	1	gramma
Carmabine.....	0,25	»
Alcool a 90°.....	1	»
Ether sulfurico, a 62°.....	2,5	»
Collodion elastico.....	5	»

Segundo:

Acido acetico.....	20	grammas
Tintura de iodo.....	20	»

M.^{me} X

CONSULTORIO DO AMOR

RESPOSTA A UMA PROVINCIANA

As coisas observadas no isolamento da vida de aldeia tomam proporções evagerradas. Esse isolamento que permite o poder-se viver constantemente dentro de uma aldeia, é terrivel! Passam-se dias a sós com um sentimento que, como que se infiltra através do nosso ser, que se decanta e purifica cada vez mais, até attingir esse grau de intensidade que é a perfeição suprema e a peor sarna para se coçar que uma alma christã pode conhecer! Reaja, minha senhora.

Talvez ainda esteja a tempo. Não se deixe ir inconscientemente no plano inclinado de esse engano d'alma em que nunca nin-

guem sabe onde irá parar. Talvez V. Ex.^a não tenha dado por isso, mas posso garantir-lhe que está em vespéras de contrahir uma grave enfermidade!

Receita: Distrahir-se. Sahir d'ahi e quanto antes. O amor é uma especie de paludismo: faz-lhe bem a mudança d'ares!

E' um estado doentio em que a pessoa conhecendo que caminha para uma morte certa se deixa ir para ella cantando como os girondinos.

E digo morte certa porque em amor, como em tudo mais na vida, o triumpho é d'aquelles que sabem dominar-se, que sabem vencer a vida, conduzi-la no sentido desejado. Nada menos propicio a conseguil-o de que o estado anormal do apaixonado.

Por amor do seu amor aconselho-a a que se domine, e que não dê mais valor ás coisas do que o estado anormal do apaixonado. Por amor do seu amor aconselho-a a que se domine, e que não dê mais valor ás coisas do que o estado anormal do apaixonado. Por amor do seu amor aconselho-a a que se domine, e que não dê mais valor ás coisas do que o estado anormal do apaixonado. Por amor do seu amor aconselho-a a que se domine, e que não dê mais valor ás coisas do que o estado anormal do apaixonado.

amor, mas vae sentir-se, espreita-nos já prompto a deitar-nos a mão de um momento para o outro. Ou então não se consegue fingil-o, e tudo indica o bluff que se pretende jogar. O que acontece muitas vezes é ser a propria pessoa enganada que tem empenho em deixar-se enganar, e que accêita o bluff pela covardia de ver bem fundo a verdade. Prefere ao bom desengano o andar toda a vida enganada! «L'esprit ne pent pas longtemps jouer le rôle du cœur». Quem quizer dar pelo logro descobre-o em pouco tempo, a não ser que não queira ver,—cegueira esta que mais nenhuma eguala.

Resumindo: Defenda-se do isolamento e da imaginação. Se quer conseguir o amor de alguém domine o seu. Tenha a coragem de querer ver se elle finge, e creia que se assim fór em qualquer coisa se denunciará.

JOÃO SEMANA

RESPOSTAS:

Sr. João Semana:

A maior prova de amor que se pôde dar a alguém é: escrever-lhe todos os dias.

Lady Fly

Sr. João Semana:

Chegou ao recanto da minha aldeia a pergunta feita no seu questionario:—na minha fraca e franca opinião, a maior prova de amor, é... não maçar a pessoa que se ama.

A irmã do sr. Abade

Sr. João Semana:

Qual é a maior prova de amor que se pôde dar a uma pessoa amada? Arreliar muitissimo o objecto do nosso amor. Sua sempre muito dedicada

Rosa Chá

INDICAÇÕES UTEIS

"LE CORRESPONDANT,"

TERÁ COMO AGENTE EM PORTUGAL "A IDEIA NACIONAL"

Os jornais portugueses já se tem referido em diversas occasiões a esta notável publicação que é actualmente a mais importante e a mais auctorizada Revista europeia e que sempre se interessou altamente pelas questões portuguezas, tendo publicado ultimamente um artigo sobre a intervenção de Portugal no conflicto das nações, que provocou em França, na Inglaterra, em Italia e em Hespanha o mais justificado interesse.

LE CORRESPONDANT é collaborado pelos mais celebres escriptores de todo o mundo. O noso Director, sr. Homem Christo Filho, que já ha annos vinha sendo solicitado para collaborar assiduamente no CORRESPONDANT e lá publicára varios artigos em 1912, 1913, 1914 e 1915 mas não pudera ainda aceitar o encargo d'uma collaboração permanente, apesar dos reiterados convites da Direcção por l'ho não permitirem os seus muitos compromissos litterarios, fechou finalmente contracto com a grande Revista franceza no principio d'este anno. LE CORRESPONDANT tem pois publicado e continuará publicando, nos dias 10 e 25 de cada mez, estudos sobre questões opliticas, economicas e litterarias estrangeiras e relativas especialmente a Portugal, Hespanha e paizes de lingua hespanhola ou portugueza, estudos de que é auctor o sr. Homem Christo Filho, embora nem sempre venham assignados.

LE CORRESPONDANT é a unica revista de França e Inglaterra cujo preço de assignatura para o estrangeiro não é augmentado. Assim, ao passo que a REVUE DES DEUX MONDES, por exemplo, custa 62 francos por anno em Portugal, LE CORRESPONDANT custa apenas 35 francos, o mesmo que em Paris, ou seja quasi metade da REVUE DES DEUX MONDES.

Todos os portuguezes que quizerem estar ao corrente do movimento intellectual contemporaneo, conhecer com profundeza as questões de ordem politica, economica, religiosa, social, financeira, diplomatica, que agitam a Europa devem assignar LE CORRESPONDANT.

Para isso basta dirigir um postal ao SECRETARIO GERAL D'A IDEIA NACIONAL, Rua da Emenda, 45, r/c. LISBOA, onde se dão todas as informações e se encontra á venda a grande Revista franceza.

LE CORRESPONDANT vende-se tambem na LIVRARIA FERREIRA, Rua Aurea, Lisboa.

L'ECLAIR

GRANDE JORNAL DIARIO DE PARIS
ABSOLUTAMENTE INDEPENDENTE

PUBLICA DIARIAMENTE UM ARTIGO DE HOMEM CHRISTO FILHO, SOBRE QUESTÕES DE POLITICA INTERNACIONAL, QUESTÕES DE ARTE, LITTERATURA E ECONOMIA; SEGUE COM ESPECIAL ATENÇÃO AS QUESTÕES RELATIVAS A PORTUGAL, HESPANHA E AOS VINTE E DOIS PAIZES AMERICANOS, DE RAÇA E LINGUA HESPANHOLA OU PORTUGUEZA, TENDO PARA ISSO CREADO EM 1914 UMA SECÇÃO DIARIA INTITULADA

America Latina, Hespanha, Portugal

CUJA DIRECÇÃO FOI CONFIADA AO SR. HOMEM CHRISTO, FILHO

AGENCIA EM

LISBOA

NA REDACÇÃO DA

IDEIA NACIONAL

RUA DA EMENDA, 45 R/C

ONDE SE RECEBEM ANNUNCIOS E PARA ONDE DEVEM SER DIRIGIDOS TODOS OS PEDIDOS DE ASSIGNATURAS * * *

L'ECLAIR

INDICAÇÕES UTEIS

RUY COELHO lecciona Harmonia, Contra ponto, Fuga, Instrumentação, Composição e Piano.

DIRIGIR CORRESPONDENCIA PARA

+ R. DA EMENDA, 45 r/c +

LITOGRAPHIA MATTÁ

DE

ROSA & FERREIRA, LIMITADA

RUA DA MAGDALENA, 62 A 70

LISBOA

TELEPHONE 3623

Trabalhos a côres e em relevo pelos processos mais modernos

Esta officina, devido á sua magnifica montagem e a pessoal bastante habilitado, rivalisa com todas as suas congêneres.

REIS TORRAL

ADVOGADOS

RUA NOVA DO ALMADA 80.2º

OBJECTOS D'ARTE ANTIGOS E MODERNOS

MOBILIARIO

PORCELANAS
ESTATUETAS
JOIAS
QUADROS

MIRANDELLA

RUA SERPA PINTO, 6

✻ LISBOA ✻

BOLOS

CREMES

SÓ FICAM PERFEITOS EMPREGANDO A FARINHA

PASTEIS PUDINGS

MAIZENA

DURYEA

NATIONAL STARCH COMPANY

NEW YORK U. S. A.

À VENDA EM TODAS AS BOAS MERCERIAS

Herbert Esteves & C.ª

REPARAÇÕES GARANTIDAS EM MAQUINAS DE ESCREVER, DE CALCULAR, CAIXAS REGISTRADORAS, ETC.

MAQUINAS RECONSTRUIDAS DE TODAS AS MARCAS

TLF. 2309

CAES DO SODRÉ, 10

MAISON PARISIENNE

262, RUA AUREA, 264

LISBONNE

GRANDE SORTIMENTO EM AMENDOAS NACIONAES E EXTRANGEIRAS * * * * *
CARTONAGENS E CORBEILLES * * * * *

DEJEUNERS ET DINERS

TELEPHONE CENTRAL 1477

Telegrammas (Iman)

Lima Netto, Moura & Comp.ª

CAMBIO PAPEIS DE CREDITO

Rua dos Retrozeiros, 100 a 106
esquina da Rua dos Sapateiros, 1 e 3

Telephone 3844

POUPÉE ARTISTIQUE

BONECOS INQUEBRAVEIS, RIVALISANDO COM OS DOS MELHORES FABRICANTES ESTRANGEIROS

E. B. GOMES

R. CORREIROS, 15, 2.º

LISBOA

JULIO MIRANDA

NOVIDADES PARA HOMEM

LISBOA

ROCIO, 16

MAISON BLANCHE

ROUPARIA BRANCA PARA SENHORA

TELEPHONE 735

?